



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**


---

**SILMARA SILVEIRA LEMES SAMPAIO DE QUEIRÓZ**

**USO DA VARIÁVEL CURRAL E SUAS VARIANTES  
“MANGUEIRO” E “MANGUEIRA” EM COMUNIDADES RURAIS:  
UMA DESCRIÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA**

---

**CAMPO GRANDE - MS  
2015**

M	 <p><b>UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL</b></p>
QUEIRÓZ, SLS	<p>Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul</p> <p><b>SILMARA SILVEIRA LEMES SAMPAIO DE QUEIRÓZ</b></p>
<p><b>USO DA VARIÁVEL CURRAL E SUAS VARIANTES “MANGUEIRO” E “MANGUEIRA” EM COMUNIDADES RURAIS: UMA DESCRIÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA</b></p>	<p><b>USO DA VARIÁVEL CURRAL E SUAS VARIANTES “MANGUEIRO” E “MANGUEIRA” EM COMUNIDADES RURAIS: UMA DESCRIÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA</b></p>
2015	<p><b>Campo Grande/MS 2015</b></p>

**SILMARA SILVEIRA LEMES SAMPAIO DE QUEIRÓZ**

**USO DA VARIÁVEL CURRAL E SUAS VARIANTES  
“MANGUEIRO” E “MANGUEIRA” EM COMUNIDADES RURAIS:  
UMA DESCRIÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem: Língua e Literatura

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elza Sabino da Silva Bueno

**CAMPO GRANDE - MS  
2015**

CIP – Catalogação na Publicação

Q47u Queiróz, Silmara Silveira Lemes de  
Uso da variável curral e suas variantes “mangueiro” e “mangueira”  
em comunidades rurais: uma descrição sociolinguística/ Silmara  
Silveira Lemes de Queiróz. Campo Grande, MS: UEMS, 2015.  
102f.

Dissertação (Mestrado) – Letras – Universidade Estadual de Mato  
Grosso do Sul, 2015.

Orientadora: Elza Sabino da Silva Bueno

1. Variação linguística 2. Comunidades rurais 3. Heterogeneidade  
linguístico-cultural I. Título

CDD 23.ed. - 417

**SILMARA SILVEIRA LEMES SAMPAIO DE QUEIRÓZ**

**USO DA VARIÁVEL CURRAL E SUAS VARIANTES  
“MANGUEIRO” E “MANGUEIRA” EM COMUNIDADES RURAIS:  
UMA DESCRIÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem: Língua e Literatura

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elza Sabino da Silva Bueno (Presidente)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Leda Pinto  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosangela Villa da Silva  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Neide Araújo Castilho Teno - Suplente  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

---

Profa. Dra. Marilze Tavares – Suplente  
Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD

Campo Grande/MS, 03 de julho de 2015.

Aos meus filhos Yuri, Guilherme e Gabriela, que sempre me apoiaram e me incentivaram, fazendo acreditar que o saber é o maior tesouro na vida do ser humano.

Ao “Delícia” da vovó, Gustavo Henrique.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pela proteção, pela generosidade e bênçãos recebidas nas tantas e longas viagens em busca do conhecimento e pelo direcionar sábio das coisas que me cercam.

À minha família, pelo amor, pelo apoio e por ser o alicerce de tudo em minha vida.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elza Sabino da Silva Bueno, minha orientadora, pela ajuda, atenção, gentileza e orientações valiosas.

À Geane Lopes Francisco Araújo pelo companheirismo, força, incentivo, sorrisos e choros compartilhados que se transformaram em um processo mais simples e prazeroso.

À minha mãe, que nunca colocou limites aos meus sonhos.

Ao meu esposo, por saber lidar com a minha ausência, por suportar meus defeitos, tolerar meus humores e, principalmente, me entender.

*“O idioma é uma coisa por demais séria para ser confiada exclusivamente aos especialistas”. (Ricardo Carvalho Calero)*



QUEIRÓZ, Silmara Silveira Lemes Sampaio de. *Uso da variável curral e suas variantes “mangueiro” e “mangueira” em comunidades rurais: uma descrição sociolinguística, 2015*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2015.

## RESUMO

À luz da Sociolinguística Variacionista e apoiados em Labov (1962) investigou-se a variação linguística existente na fala de peões em comunidades rurais, no município de Nova Andradina- MS. O objetivo da pesquisa é estudar os aspectos sociolinguísticos da variação, descrever e explicar as sequências linguísticas ocorrentes na fala das comunidades da região analisada e entender como funciona o sistema linguístico com relação à oralidade e às atitudes linguísticas dos falantes frente ao uso da língua em situações reais de comunicação, tendo como objeto de pesquisa a palavra “curral” com as suas variantes “mangueiro” e “mangueira”. O universo da pesquisa compreendeu os bairros rurais São Bento, Umbaracá e Laranjal, haja vista, que há maior concentração de criação de gado, por isso, considerados propícios ao levantamento dos dados necessários à pesquisa. Foram entrevistados 16 (dezesesseis) informantes com a faixa etária de 19 a 75 anos, considerando variáveis sociais como: nível de escolaridade, gênero e faixa etária do falante, levando em conta a influência de fatores linguísticos no condicionamento das formas em variação. Os dados foram obtidos a partir de questionários que direcionaram as entrevistas *in loco* que foram transcritas segundo as normas do NURC-SP, e para interpretação dos dados, utilizou-se a metodologia da Teoria da Variação e mudança linguística, conforme as pesquisas labovianas. Com relação aos resultados obtidos é possível verificar que os falantes da faixa etária de 19 a 50 utilizam mais a variante linguística “mangueiro” para explicar o que é “curral”, ou seja, o lugar onde se prende o gado. Já entre os falantes da faixa etária de 50 a 75, 50% dos entrevistados usaram a variável “mangueira” para tal explicação. Observamos que o vocábulo “curral” foi utilizado pela minoria dos nossos informantes, o que se torna representativo para a identificação da variável em estudo e nos leva a crer que as manifestações da língua com suas linguagens, identificam a diversidade e a heterogeneidade linguístico-cultural do povo que a utilizam como meio de comunicação. Cabe salientar que o presente estudo colabora para avanços científicos no conhecimento da Língua Portuguesa, especialmente, ao abordar o fenômeno em questão. É fundamental realizar pesquisas dessa natureza e trazer os seus resultados para a realidade da sala de aula. Para mostrar a heterogeneidade linguística e seus usos na língua (escrita e falada), em diferentes situações de interação no cotidiano e outros, confrontando, desse modo, as diferentes variedades presentes no falar local e combatendo preconceitos (BAGNO, 2007).

**Palavras-chave:** Variação linguística. Comunidade rural. Nova Andradina.

*QUEIRÓZ, Silmara Silveira Lemes Sampaio. Uso da variável curral e suas variantes “mangueiro” e “mangueira” em comunidades rurais: uma descrição sociolinguística, 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2015.*

## **ABSTRACT**

In light of the variational sociolinguistics and supported by Labov (1962) investigated the existing linguistic variation in rural communities in the speech of pedestrians in the city of New Andradina- MS. The objective of the research was to study the aspects of sociolinguistic variation, describe and explain the linguistic sequences occurring in the speech of the analyzed region communities and understand how the linguistic system as orality and language attitudes of the speakers towards the use of language in real situations communication, and as a research subject the word "pen" with its variants "hose" and "corral". The research sample comprised the rural districts St. Benedict, Umbaracá and Orangery, given that there is a greater concentration of livestock therefore considered conducive to the collection of data necessary for the research. We interviewed 16 informants to the age group 19-75 years, considering social variables such as level of education, gender and age, and taking into account the influence of linguistic factors in determining the ways in variation. Data were obtained from questionnaires directed the on-site interviews, which were transcribed under the rules of NURC-SP, and interpretation of the data, we used the methodology of the theory of variation and language change, as the labovianas research. Regarding the results obtained we can see that the speakers of the age group 19-50 used more linguistic variant "corral" to explain what is "corral", ie the place where holding cattle. Among the speakers of the age group 50-75, 50% of respondents used the variable "hose" for such an explanation. We note that the word "pen" was used by a minority of our informants, which becomes representative for the identification of the variable under study and leads us to believe that the manifestations of language with its languages, identify the diversity and linguistic and cultural diversity the people who use it as a means of communication. It should be noted that this study contributes to scientific advances in the knowledge of the Portuguese language, especially when addressing the phenomenon in question. It is essential to conduct research of this nature and bring the results to the reality of the classroom. To show linguistic heterogeneity and its language uses (written and spoken) in different situations of interaction in daily life and others, confronting thus the different varieties in the locality, and combating prejudices (BAGNO, 2007).

**Keywords:** Change language. Rural community. New Andradina- MS.

## **LISTA DE QUADROS**

<b>Quadro 1 – Perfil dos informantes selecionados para a pesquisa .....</b>	<b>45</b>
---	-----------

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Demonstrativo das variantes utilizadas- levantamento geral.....	55
Gráfico 2- Demonstrativo das variantes utilizadas quanto à variável gênero .....	56
Gráfico 3- Demonstrativo das variantes usadas quanto à variável nível de escolaridade .....	58
Gráfico 4- Demonstrativo das variantes utilizadas quanto à variável faixa etária do falante .....	60

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

A - Corresponde a informante sem nenhum nível de escolaridade (não alfabetizado)

EF - A informante do Ensino Fundamental de escolaridade

EM - A informante com Ensino Médio de escolaridade

## **LISTA DE FIGURAS**

**Figura- Mapa com a localização de Nova Andradina-MS.....35**

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>17</b>
<b>Capítulo I – LINGUAGEM: UMA HERANÇA LINGUISTICO- HISTÓRICA PARA AS GERAÇÕES VINDOURAS</b> .....	<b>21</b>
1.1 Colonização + miscigenação + diferentes línguas = a construção da linguagem brasileira .....	21
1.2 A linguagem como marca de identidade linguístico-social do falante.....	22
1.3 A linguagem e a condição social do indivíduo como falante de um determinado código linguístico .....	23
1.4 As marcas da linguagem podem discriminar o indivíduo e estigmatizar a língua em uso na comunidade .....	25
1.5 Língua, Cultura e Sociedade .....	30
1.6 Breve histórico de nova Andradina-MS.....	32
<b>Capítulo II - A DIMENSÃO DOS ESTUDOS SOCIOLINGÜÍSTICOS NO PORTUGUÊS DO BRASIL</b> .....	<b>35</b>
2.1 Uma breve história dos estudos de (Sócio)Linguística .....	35
2.2 Conceitos e papel da sociolinguística e sua importância para o ensino .....	37
2.3 Dimensão e características dos estudos sociolinguísticos .....	39
2.4 A variação e a mudança linguística .....	40
2.5 Fontes e experiências de pesquisas sociolinguísticas .....	42
<b>Capítulo III – METODOLOGIA DA PESQUISA</b> .....	<b>44</b>
3.1 A escolha dos informantes.....	44
3.2 A recolha dos dados.....	46
3.3 As variáveis extralinguísticas/sociais pesquisadas .....	47
3.3.1 A variável nível de escolaridade .....	47
3.3.2 A variável gênero do falante.....	49
3.3.3 A variável faixa etária do falante .....	51
3.4 Critérios para descrição dos dados do <i>corpus</i> da pesquisa .....	51

<b>Capítulo IV – DESCRIÇÃO DOS DADOS E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>53</b>
4.1 Resultados e descrição das variantes linguísticas pesquisadas.....	55
4.2 Resultados e descrição das variantes extralinguísticas pesquisadas.....	60
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>66</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>69</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>73</b>



## INTRODUÇÃO

Este estudo se insere na Área de Concentração: Linguagem, Língua e Literatura, na Linha de Pesquisa de Produção do Texto Oral e Escrito, do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS, Unidade Universitária de Campo Grande – MS.

Pensando num estudo que contemplasse a Linha de Pesquisa do Programa e que contribuísse para uma melhor compreensão das variações linguísticas que ocorrem no português falado em comunidades rurais do Estado do Mato Grosso do Sul, foi desenvolvido o presente trabalho intitulado “Uso da variável curral e suas variantes “mangueiro” e “mangueira” em comunidades rurais: uma descrição sociolinguística”, em que se pode traçar o perfil sociolinguístico dos informantes envolvidos na pesquisa.

A pesquisa analisa o comportamento das variantes “mangueiro” e “mangueira” em entrevistas realizadas *in loco* com dezesseis informantes de comunidades rurais de Nova Andradina–MS e região, uma vez que é por meio da linguagem o homem se constitui como sujeito social e se revela como um ser, eminentemente, cultural.

Diante do exposto se faz necessário o estudo das variáveis linguísticas na fala dos peões de Nova Andradina e região, lembrando que o estudo foi motivado pelo fato de estes fazerem uso de certos vocábulos, palavras e expressões que não são comuns na língua portuguesa falada na região pelos demais falantes da língua.

O interesse em pesquisar o referido tema nasceu em virtude da constatação que a fala dos alunos é “diferente” do português ensinado em sala de aula, principalmente quando se referiam às lidas e aos objetos relacionados ao campo. Em suas produções textuais deixavam marcas evidentes que se tratavam de variação linguística. Quando se reportavam à palavra curral, estes usavam os vocábulos “mangueiro” e “mangueira”, significados estes que não encontramos em dicionários com a definição de lugar onde se prende o gado. Diante do “novo” exposto e sem resposta, aparentemente convincente, surgiu o interesse em estudar os aspectos sociolinguísticos, descrever e entender como funciona o sistema linguístico quanto à oralidade e as atitudes linguísticas dos falantes em situações reais de fala na comunidade e o porquê do uso das variantes “mangueiro” e “mangueira” pelos nossos informantes.

Lembrando que sendo a língua um sistema de possibilidades, oferece em contrapartida, um grande número de regras, combinações e substituições sem que haja a alteração e sem o comprometimento de certas significações de uma determinada unidade linguística, ou seja, utilizar diferentes formas ou expressões para dizer a mesma coisa que apresentam o mesmo significado, é o que Tarallo (2007) chama de variação linguística. Dai partirmos das variantes “mangueiro” e “mangueira” em referência a curral para estudar a fala de nossos alunos oriundos do meio rural, com vistas a traçar o perfil desses falantes e a importância dessa variação para o ensino aprendizagem de língua portuguesa na região.

Dessa maneira, os falantes de uma determinada língua, utilizam aspectos linguísticos diferentes dos falantes de outras regiões, haja vista que nenhum falar ocorre do mesmo modo entre todos os falantes, o que caracteriza as variações existentes nas diferentes regiões do país e no próprio indivíduo como falante de um determinado código linguístico. Vale ressaltar que, às vezes, o falante não percebe ou não quer perceber que a língua varia e muda no tempo e que ele, enquanto falante, não pode, por si só mudar a língua, nem deve ignorar tais variações, uma vez que elas são inerentes ao próprio sistema linguístico e seguem o seu curso natural, Bueno (2009), lembrando que tais variações podem ser utilizadas para facilitar a comunicação e para atender às necessidades reais dos usuários desse sistema de signos linguísticos.

Nessa perspectiva, a língua é um instrumento social e assim deve ser pesquisado. Isso também ocorre com o português falado no Brasil que, apesar de ter um único sistema linguístico, apresenta significativas diferenças regionais, que singularizam e particularizam a linguagem do falante ou da região, como se o país fosse dividido em vários países, cada qual com o seu falar característico e com o uso de vocábulos específicos.

Desta forma, propusemo-nos a estudar os aspectos sociolinguísticos da variação e o preconceito linguístico presente na fala de peões de comunidades rurais de Nova Andradina – MS, sob dois aspectos, o fonético-fonológico e o semântico-lexical, com o objetivo de descrever e explicar as sequências linguísticas que ocorrem na fala das comunidades analisadas e entender como este sistema linguístico funciona no aspecto da oralidade e como se dão as atitudes linguísticas dos falantes frente ao uso da língua em situações reais de comunicação verbal.

A sistematização dos fenômenos tanto fonético-fonológicos, como semântico-lexicais é possível devido à Teoria da Variação e da mudança linguística, proposta por Labov (1962), que relacionam aspectos linguísticos e sociais da língua para formar um todo significativo. Sendo que os não linguísticos são representantes fieis do falar de uma dada sociedade, através dos quais se podem enfatizar variáveis sociais como: gênero do falante, nível de escolaridade

e faixa etária como possíveis implementadores de uma determinada variante linguística em detrimento de outra. É o que verificaremos na fala da comunidade pesquisada, no decorrer desse estudo.

Para a obtenção do *corpus* da presente pesquisa, utilizamos momentos de fala espontânea, questionários com perguntas dirigidas aos informantes, com a finalidade de estudar a palavra “curral” com as suas variantes “mangueiro” e “mangueira”, com base nos dados dos informantes estratificados de acordo com as variáveis sociais, anteriormente, descritas. A saber: nível de escolaridade, gênero e faixa etária do falante, para traçar o seu perfil linguístico e verificar a importância das referidas variantes no processo de ensino aprendizagem de língua em sala de aula.

Para uma melhor visualização dos dados pesquisados, o presente estudo divide-se em quatro capítulos distintos. O primeiro trata da linguagem enquanto herança histórica de transmissão da cultura do povo que a utiliza, das marcas socioculturais presentes na fala e na linguagem que podem identificar ou discriminar o falante e das marcas que podem estigmatizar a língua enquanto entidade social. Ainda neste capítulo, falamos de Língua, Cultura e Sociedade visto que esse tripé é tão intrincado que é impossível a existência de uma sem a presença das outras.

O segundo capítulo trata da dimensão dos estudos sociolinguísticos no português do Brasil, o seu conceito e o papel na realização de estudos sociolinguísticos, a abrangência e a característica das pesquisas, a variação e as mudanças linguísticas como fenômeno comum e inerente a todas as línguas vivas, bem como as fontes e experiências de pesquisas sociolinguísticas, com vistas a traçar o perfil dos estudos realizados no âmbito da sociolinguística.

No terceiro capítulo descrevem-se os critérios para escolha dos informantes, os procedimentos para coleta dos dados linguísticos por meio das entrevistas realizadas *in loco* com os informantes selecionados, as variáveis extralinguísticas/sociais pesquisadas e sua importância para a pesquisa, além dos critérios a serem usados na descrição dos dados e interpretação dos resultados.

No quarto e último capítulo descrevem-se e interpretam-se as variantes linguísticas correntes na fala da comunidade pesquisada, apresentam-se os resultados das variantes encontradas no material linguístico que compõe o *corpus* de pesquisa com relação às variáveis sociais selecionadas para o estudo.

Ao final relacionam-se as considerações finais, arrolam-se as referências que serviram de aporte teórico para o desenvolvimento da pesquisa e as dezesseis entrevistas realizadas

com os informantes selecionados, para compor o *corpus* da pesquisa vêm logo em seguida, em anexo.

A seguir damos um panorama geral da herança histórica da linguagem, passando pela construção da linguagem brasileira, pelas marcas de identidade do falante, pela condição social do indivíduo como falante de um determinado código linguístico, pelas marcas da linguagem como influenciadoras e também como propulsoras de estigmas sociais na língua em uso na comunidade de fala<sup>1</sup>, trata-se também de Língua, Cultura e Sociedade como um tripé imprescindível à comunicação, sendo que uma inexistente sem a presença das outras e, para fechar o capítulo, faz-se um breve histórico da cidade de Nova Andradina, de sua origem, fundação e de sua localização estratégica no interior do estado de Mato Grosso do Sul.

---

<sup>1</sup> Neste estudo sobre o uso das variantes “mangueiro” e “mangueira” na comunidade de peões de Nova Andradina-MS, a expressão comunidade de fala está sendo utilizada como princípio segundo o qual os membros de uma comunidade compartilham uma série de atitudes linguísticas com relação a algumas variedades em uso na língua (cf. MONTEIRO, 2008).

## **CAPÍTULO I – LINGUAGEM: UMA HERANÇA LINGUISTICO- HISTÓRICA PARA AS GERAÇÕES VINDOURAS**

### **1.1 Colonização + miscigenação + diferentes línguas = a construção da linguagem brasileira**

O processo de formação da sociedade brasileira, que, por sua vez, está ligado ao período de colonização do Brasil, revela aspectos importantes da formação da língua portuguesa falada no país, que se reflete em todas as regiões do território brasileiro, em que é possível definir uma junção da cultura e aspectos dos portugueses vindos ao Brasil, às características e conhecimentos milenares das línguas e culturas dos povos indígenas e ainda aos aspectos relevantes dos falares africanos trazidos pelos negros para o Brasil, no período escravocrata, uma vez que estes já possuíam certos conhecimentos da língua portuguesa, pois, habitavam outras colônias portuguesas nos continentes asiático e africano. Vale ressaltar ainda as importantes contribuições das línguas de origem europeias trazidas pelos imigrantes europeus no século passado que também se fazem presentes na formação do português brasileiro.

A língua é uma entidade dinâmica, que evolui e se transforma no tempo e se encontra em constante renovação de seu léxico. Para chegar ao que hoje é a língua portuguesa passou por diferentes etapas e sofreu muitas alterações. Assim como os outros idiomas, o português, também sofreu uma evolução histórica, sendo influenciado por outros idiomas e dialetos, até chegar ao estágio atual. O português de hoje compreende vários dialetos e subdialetos, falares e subfalares, muitas vezes bastante distintos entre si. Vejamos o que diz Faraco (2005, p. 16) sobre o assunto:

O fato de que a língua passou ou está passando por mudanças, são situações que envolvem manifestações linguísticas ocorridas em momentos, claramente, distanciados no tempo, ou diferentes gerações convivendo no mesmo momento histórico; ou a ação linguística de grupos sociais não atingidos, diretamente, pelo policiamento social sobre as formas da língua; ou ainda o relativo conservadorismo da escrita. Elas deixam claro que no fluxo do tempo, ela se transforma, isto é, estruturas e palavras que existiam

antes não ocorrem mais ou estão deixando de ocorrer; ou então, ocorrem modificadas em sua forma, função ou significado.

Cada grupo social pertencente a classes sociais distintas se expressa de formas diferentes e reproduzem visões de mundo, parcialmente diversas, fazendo com que surjam normas linguísticas particulares de cada classe existente na sociedade que tendem a produzir discursos privativos próprios de um determinado grupo. Vale ressaltar que essas mudanças são necessárias para atender às necessidades reais dos falantes do processo da comunicação linguística, uma vez que, diferentemente da língua escrita que mantém certo conservadorismo, Faraco (2005), a língua falada é dinâmica e acompanha as inovações constantes impostas por fatores linguísticos, econômicos, sociais e culturais.

Lemos Monteiro (2008) explica que essas mudanças ocorrem quando os usuários de uma língua, de uma determinada região, estrato social ou nível intelectual, sentem necessidade de modificar as formas de expressões linguísticas, às vezes, até mesmo para facilitar a comunicação, como as que veremos no decorrer desse estudo sobre os aspectos sociolinguísticos da variação na fala de peões de comunidades rurais de Nova Andradina–MS.

## **1.2 A linguagem como marca de identidade linguístico-social do falante**

Qualquer língua é definida como um sistema de signos vocais e visuais utilizados como meio de comunicação por um grupo social ou por uma comunidade linguística. Essa concepção e o processo de comunicação (a linguagem) são as bases dos estudos linguísticos sobre a língua e sua evolução linguístico-histórica.

Um dos fatores que determinam a vida em sociedade é a linguagem que, por sua vez, está relacionada à forma como o indivíduo interage, retratando o comportamento e a cultura pertinente à comunidade a qual ele pertence. Sendo assim, a língua é um instrumento de fala, no entanto, o seu uso representa também um veículo identitário e, até na mesma comunidade, ela é heterogênea, visto que pode sofrer variações devidas à faixa etária, ao gênero, à classe social a que o falante pertence e a outros fatores, sejam linguísticos ou sociais.

Também é notável na língua portuguesa falada no Brasil, que apesar de ser a língua oficial do país, esta apresenta grandes variações linguísticas, pois é fácil identificar não só pelo sotaque, mas também pelo vocabulário, quando uma pessoa pertence a uma determinada região, a um dado grupo social e até o seu nível de escolaridade como salienta Martelotta (2009, p.19):

Cada grupo social tem um comportamento que lhe é peculiar e isso vai se manifestar também na maneira de falar de seus representantes: os cariocas não falam como os gaúchos ou como os mineiros e, do mesmo modo, indivíduos pertencentes a um grupo social menos favorecido têm características de fala distintas dos indivíduos de classes favorecidas.

A língua oral é o primeiro contato que a criança adquire com a mãe e a família, e essa aquisição representa reconhecer-se como um indivíduo que pertence a uma espécie, a uma etnia, a um grupo social, vale ressaltar que os surdos-mudos não apresentam esse recurso, mas nem por isso podem ser discriminados, haja vista que dispõem de uma linguagem visual que lhes permite se comunicar com as demais pessoas, lembrando que, atualmente, a linguagem de sinais é considerada uma língua que também pode sofrer variações linguísticas de acordo com o contexto de uso.

As variações são respeitadas pela linguística, uma vez que esta as considera um mecanismo normal da própria língua, que pode ocorrer do ponto de vista linguístico, na pronúncia, no vocabulário ou na sintaxe, considerando todas as línguas importantes. É o que esclarece Martelotta (2009, p.20) ao afirmar que “a linguística considera, pois, que nenhuma língua é, intrinsecamente, melhor ou pior que outra, uma vez que todos os sistemas linguísticos são capazes de expressar, adequadamente, a cultura do povo que os falam” e que os utilizam como veículo de comunicação e de transmissão de conhecimentos e experiências.

### **1.3 A linguagem e a condição social do indivíduo como falante de um determinado código linguístico**

Em 1960, o norte-americano William Labov passou a estudar a língua empregada por falantes comuns em seus contextos sociais e verificou que ela era, perfeitamente, compreendida pelos demais membros da comunidade. A partir de então trouxe grandes contribuições para os estudos linguísticos, defendendo que a língua está relacionada à sociedade, dando, assim, origem aos estudos Sociolinguísticos que analisam a língua do ponto de vista social, considerando o contexto em que o falante está inserido e as variações linguísticas como um fenômeno comum a todas as línguas.

Como sabemos tudo na vida sofre mudanças, até o próprio ser humano muda com o tempo, não só a fisionomia, mas o seu estilo (moda), suas preferências, sua ideologia e, até mesmo seu comportamento linguístico. Com a língua não é diferente, pois ela sofre mudanças decorrentes de fatores linguísticos, sociais, políticos e do próprio tempo, ou seja, sofre mudanças influenciadas por variáveis linguísticas e sociais, Labov (2008), lembrando que

essas variações são inerentes ao sistema linguístico e não há como nem por que ignorá-las, (BUENO, 2009).

Quando conversamos com uma pessoa, pelo seu vocabulário e pela sua forma característica de pronunciar certos fonemas é possível perceber a sua origem, seu *status* social, se está utilizando palavras atuais, não que as palavras ou expressões morram, mas, muitas vezes, apesar de serem considerados vocábulos da língua portuguesa, caem em desuso para dar lugar a outras novas palavras, que estão sendo mais usadas naquele momento histórico, Camacho (1998). Se alguém perguntar a um jovem qual é a sua “graça”, provavelmente, ele não saberá responder, pois vive em uma época diferente e dispõe de um acervo vocabular, linguisticamente, diferente.

A respeito dessa evolução, Labov (1983, p. 16-17) observa que:

A função da língua de estabelecer contatos sociais e o papel social por ela desempenhado de transmitir informações sobre o falante constitui uma prova cabal de que existe uma íntima relação entre língua e sociedade [...]. A própria língua como sistema acompanha, de perto, a evolução da sociedade e reflete, de certo modo, os padrões de comportamento, que variam em função do tempo e do espaço.

Utilizar a língua e suas variantes padrão e não padrão é um ato normal dentro da comunicação, mas como vimos, a fala representa a identidade cultural e social da pessoa que a utiliza e por esse motivo deve ser usada adequadamente, o que não impede o uso de variantes linguísticas em seu devido contexto. No que se refere à língua portuguesa, esta teve início com a colonização e formação da sociedade brasileira, cujo processo revela aspectos importantes na formação da nossa língua, Le Page (1980).

A linguagem é o índice por excelência de identidade e as escolhas linguísticas são processos conscientes que o falante realiza, associados às múltiplas dimensões constitutivas da identidade social e aos múltiplos papéis sociais que o usuário assume na comunidade de fala, mas o que determina a escolha de uma ou outra variedade é a situação concreta de comunicação, ou seja, é o uso real da língua em situações específicas de interação verbal, Bueno (2009).

Le Page (1980) destaca que o ato de fala está, diretamente, relacionado à sociedade em que vive a pessoa e ao contato com os demais falantes de uma determinada língua e comunidade linguística. Monteiro (2008), por sua vez, enfatiza que comunidade linguística e comunidade de fala nem sempre são equivalentes: Madrid e Caracas, por exemplo, participam da mesma comunidade linguística, porém são comunidades de fala distintas, justamente,



porque não compartilham de uma série de atitudes linguísticas com relação a algumas variedades e, conseqüentemente, diferem nas regras de uso da língua.

O exemplo é elucidativo e sugere que se possa dizer o mesmo em relação ao português falado no Brasil e em Portugal, ou seja, embora tanto os brasileiros como os portugueses façam parte de uma mesma comunidade linguística, distinguem-se quanto às regras e atitudes linguísticas face ao uso do idioma. A presença de uma grande variedade linguística resulta de fatores, principalmente, sociais e econômicos. Martelotta (2009, p.148) corrobora essa afirmativa ao ressaltar que:

Labov pesquisou o uso do /r/ em três lojas de departamento de nova York: uma frequentada pela classe alta, outra pela média, e a terceira frequentada pela classe baixa. Induziu os empregados a proferir as palavras fourth (numeral quarto) e floor (pisso, andar) como resposta à sua pergunta sobre em que andar se encontrariam produtos que lhe interessavam. Observe-se que a consoante /r/ aparece em dois contextos diferentes: posição pósvocálica final e posição pósvocálica não final. Labov descobriu que a preservação da vibrante ocorria com maior frequência na loja de classe alta e média do que na loja de classe mais baixa, revelando que a pronúncia do /r/ pósvocálico é considerada de prestígio.

Com base no estudo de Labov sobre o uso do fonema /r/ pósvocálico e sobre a pronúncia considerada de prestígio pelos falantes pesquisados, pretendemos descrever e explicar as seqüências e atitudes linguísticas da comunidade pesquisada, para entender a importância e a relevância de uso de aspectos sociolinguísticos da variação e atitude linguística presentes no falar de peões de comunidades rurais em Nova Andradina – MS, objeto de estudo dessa pesquisa, para, entre outros, traçar o perfil da comunidade com relação à introdução e inovação de expressões que podem facilitar o uso da língua, pelo menos nesta comunidade de fala.

#### **1.4 As marcas da linguagem podem discriminar o indivíduo e estigmatizar a língua em uso na comunidade**

No decorrer do processo histórico de formação da língua portuguesa do Brasil, do ponto de vista social, o português falado pelas classes mais favorecidas tem sido a variedade valorizada. Uma vez que dentre as variações, a língua padrão é a mais aceita como representação do país e da elite que detém o poder econômico, linguístico e cultural. Quando essa variedade da língua é eleita como padrão, ganha condições sociais privilegiadas, o que se pode classificar como *status social*, passando a ser elemento de dominação sobre as demais

variedades linguísticas existentes, que passam a ser estigmatizadas, graças a uma maneira preconceituosa e às regras impostas pela gramática normativa, fazendo da linguagem padrão, uma linguagem única, Bagno (2007) um estilo único de falar uma língua tão diversificada como é o português do Brasil.

A linguística, área de estudo científico da linguagem em seu aspecto falado e escrito, considera que toda língua expressa a cultura do povo que a utiliza como meio de comunicação, e respeita as variações “desvios” que ela apresenta, uma vez que essas variações de pronúncia, de vocabulário, de sintaxe, entre outras, são naturais e, interligada às variações da língua está a variação sociocultural, destacando-se os usos diferenciados da língua por faixas etárias, como os das crianças, dos jovens e dos idosos, o que se consolida no posicionamento de Possenti (1996, p. 26 ) ao ressaltar que “ as diferenças mais importantes entre os dialetos estão menos ligadas à variação dos recursos gramaticais e mais à avaliação social que uma sociedade faz dos dialetos” usados naquela sociedade.

O autor destaca que a concentração das variedades está aplicada ao cotidiano das pessoas, mas principalmente por conta de suas condições sociais e nas aplicações de regras gramaticais em uso na língua, uma vez que há pesquisas científicas, como as de Naro (2003), por exemplo, que comprovam que os jovens, em busca de sua identidade e para marcar o grupo do qual fazem parte, costumam criar formas próprias de expressão, transformando o significado de termos ou criando uma sintaxe própria. E essa variação está ligada à história que trata de enfatizar os processos diacrônicos no decorrer do processo de variação e mudança linguística.

Entre os jovens temos as tribos dos surfistas, dos skatistas, das patricinhas, entre outros, o que vai ao encontro do posicionamento de Labov (2008, p.113) ao salientar que:

As primeiras experiências linguísticas da criança, na fase dos dois a três anos de idade, se produzem, principalmente, pelo exemplo dos pais. Mas, a partir dos quatro até aos treze anos, aproximadamente, os padrões de fala passam a ser modelados pelo grupo de seus colegas de brincadeiras. Tudo leva a crer que neste período é quando se sedimentam as formas automáticas de produção linguística: como regra, quaisquer hábitos adquiridos depois desta fase são mantidos por controles auditivos e articulatórios.

A variação de acordo com o gênero do falante se mostra nos termos utilizados por homens e mulheres, por exemplo, o uso do diminutivo é mais comum na fala da mulher do que na do homem. O homem se preocupa em não empregar uma terminologia mais feminina,

mais afetiva, por conta da avaliação social imposta pela sociedade em geral, Monteiro (2008, p.127) confirma nosso posicionamento ao salientar que:

O papel das mulheres no processo de mudança linguística já foi demonstrado em diversas investigações empíricas. Labov (1972) menciona, entre outros, a célebre descoberta de Gauchat, segundo a qual o emprego de formas inovadoras aparece com maior frequência entre as mulheres do que entre os homens. Refere-se também às pesquisas que ele próprio realizou, em geral evidenciando que a variável sexo não pode ser deixada de lado na análise da variação e mudança linguística.

Em todos os casos, deve-se estar atento à discriminação provocada pelo uso de certas variantes e como cada uma delas representa um determinado grupo social em que é comum as variantes de grupos com menos destaque político, social e econômico serem desprestigiadas. Entre as variantes desprestigiadas, a rural é a que sofre mais estigmatização da sociedade, Bortoni-Ricardo (2004). Com isso surge o preconceito linguístico, em que as pessoas são julgadas pela fala e escrita que as representam. Vejamos o que diz Monteiro (2008, p.65) sobre o assunto:

Um dos preconceitos mais fortes numa sociedade de classes é o que se instaura nos usos da linguagem. Se o falante é um camponês ou mora numa favela, se é analfabeto ou de baixo nível de escolaridade, é lógico que sua maneira de falar não será a mesma que a das pessoas que se situam no ápice da pirâmide social. Em todos os níveis linguísticos se manifesta essa distância: na fonologia, no léxico, na sintaxe. Ele, provavelmente, usará formas como *vrido*, *pranta*, *expilicar* e *musga* ou construções do tipo *nós veve*, *ele viu eu*, *eu se danei* etc. E, com isso, é mais discriminado ainda pela sociedade.

Esse preconceito, essa negação constante da sociedade, do ensino aprendizagem de língua na escola que tem buscado consertar a língua do aluno, também é abordado por Bagno (2007) ao afirmar que cabe à escola o ensino efetivo da língua na sua modalidade padrão, porém esta mesma escola não deve, jamais, menosprezar a variedade social trazida para a escola pelo aluno.

Reconhecer as diferenças entre as variantes e o prestígio de uma sobre a outra, saber compreendê-las como uma forma de vida da língua e saber utilizá-la adequando-a às diferentes situações de uso concreto da língua, é o princípio da cidadania e de respeito à diversidade linguística inerente a todas as línguas vivas, Bagno (2004). Não há línguas certas ou erradas, o que existem são variações de prestígio linguístico, geralmente aquela utilizada pela elite detentora do poder econômico.

O segredo está em saber adequar a fala às situações de uso e compreender qual variedade é mais adequada naquele momento de interação verbal. A norma padrão é uma variante linguística de determinado grupo social que impõe aos demais suas formas de uso e está, intimamente, ligada ao poder econômico, político e social no país.

A sociedade aceita que ela seja padrão e que deva ser ensinada nas escolas e divulgada pelos meios de comunicação, mas nem sempre ocorre um equilíbrio entre a forma padrão e as demais, pois há uma pressão social muito grande em sua defesa e manutenção, principalmente, entre os gramáticos e professores de língua portuguesa, porém, não podemos dizer que eles estejam errados, pois sabemos que a função primordial da escola é ensinar ao aluno a língua padrão, sem menosprezar as demais variantes (social, histórica, regional entre outras), trazidas por esse aluno de seu meio social para o ambiente escolar.

Muitos dizem que a modalidade padrão da língua preserva a nacionalidade, dicionários e gramáticas dizem o que é “certo” e o que é “errado” no uso da língua e, infelizmente, a modalidade prestigiada, muitas vezes, não é conhecida por todas as pessoas, o que faz com que elas se sintam inferiores por não saberem competir no mesmo grau de igualdade com aqueles que a dominam. Todos devem ter os mesmos direitos linguísticos, como ressalta Foucault (1986).

Na visão do autor, acredita-se que a expressão linguística ocorre mediante a práxis da fala, partindo dos conhecimentos empíricos ou científicos, conforme o âmbito social de cada falante da língua. Sendo assim, não se deve menosprezar um indivíduo devido à sua forma de falar, mas a sociedade ainda age preconceituosamente, a começar pela escola que há pouco tempo desconsiderava as formas linguísticas que não fossem a norma padrão utilizada pela elite dominante, pelos meios de comunicação e pela própria escola.

Apesar das mudanças nesse sentido, cabe aos membros de qualquer comunidade linguística usá-las, adequadamente, é o que ressalta Bortoni-Ricardo (2005) ao salientar que para operar de maneira aceitável, um membro de uma determinada comunidade de fala tem de aprender o que dizer e como dizê-lo a qualquer interlocutor e em quaisquer circunstâncias de uso da língua, até mesmo para marcar a fala do grupo ao qual pertence.

A escola que sempre priorizou o ensino da língua padrão assumiu a diversidade linguística e estabeleceu diretrizes aos professores para as suas práticas didático-pedagógicas por meio dos PCNs (1999, p.31). Diante do exposto, podemos considerar que isso já é um grande avanço no ensino de língua:

No ensino aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falarem certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas [...] a questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem.

A fala é o que une o aluno à aprendizagem e ao conhecimento e, para que isto ocorra, é necessário que o aluno não tenha receio de dar a sua opinião sobre um determinado assunto, não basta apenas que ele escreva, mas que forme a sua consciência crítica e saiba explorar e externar a sua oralidade, contudo, nesse processo, a língua não deve ser um empecilho, mas um meio para essa acessibilidade, do contrário, a escola pode tolher a criatividade e a liberdade, levando o aluno aprendiz a fechar-se em seu mundo/meio social e acreditar que tudo o que ele fala e faz é “errado”, “feio” e pode vir a não ser considerado ou aceito pelos demais falantes da língua.

Todo falante dispõe de uma competência linguística em sua língua materna, porém, muitas vezes, esta forma de expressão é vista pela sociedade como uma deficiência, pois desde a época da colonização de nosso país, a língua conferia *status*, prestígio e, ainda confere nos dias atuais. Pois qualquer forma de linguagem que não esteja dentro dos padrões da língua padrão (culto) passa a ser vista, diferentemente, e tudo o que é diferente tende a ser classificado como “errado”, contrário e insignificante às normas prescritas pelos compêndios de gramática e pelas gramáticas normativas.

Dentro desses parâmetros, a escola tem um papel importante, pois deve aproveitar a habilidade que o aluno traz consigo, ou seja, uma linguagem própria de sua comunidade para aprimorar o seu saber e propiciar-lhe uma amplitude linguística, sendo, o espaço onde ele irá adquirir o conhecimento que ainda não possui e compartilhar suas experiências com os demais colegas, no âmbito escolar e fora dele.

No entanto, segundo Bagno (2004), é de suma importância que a escola discuta os valores sociais da língua, conscientizando o aluno de que sua produção (escrita ou falada) estará sujeita a uma análise social que poderá ser positiva ou negativa, dependendo do ponto de vista do avaliador ou do interlocutor e que ele deve adequar a forma de falar ou escrever às necessidades da situação de uso da língua.

Vale ressaltar ainda que as variações não empobrecem a língua, mas a torna mais rica e flexível, e desprezar ou ignorar uma variação, seja ela, formal, informal ou até vulgar como nas origens da língua portuguesa (Portugal), não acrescentará nada à aprendizagem e à

educação de forma geral, porque a escola não é a única responsável pela “redenção”, pela transformação da educação, visto o Brasil, mesmo sendo, atualmente, emergente, apresenta índices abaixo da média internacional, pois os problemas educacionais, como aborda a sociolinguística, são causados por fatores sociais e não, propriamente, linguísticos, conforme ressalta Soares (1989).

Partindo do princípio que a língua está relacionada, diretamente, à sociedade, é necessário ter não só um diploma, mas, acima de tudo, possuir competências linguísticas para utilizar a língua nos seus diferentes contextos de uso. Não podemos ignorar que ela é um instrumento importante para ascensão social e na mudança de vida de seus falantes, para tanto, a escola deve esclarecer, orientar e capacitar seus alunos a respeito dessa realidade. É o que alerta Bortoni-Ricardo (2004, p.9) ao afirmar que:

Como bem sabemos, nas disputas do mercado linguístico, diferença é deficiência. Por isso, cabe à escola levar os alunos a se apoderar também das regras linguísticas que gozam de prestígio, a enriquecer o seu repertório linguístico, de modo a permitir a eles o acesso pleno à maior gama possível de recursos para que possam adquirir uma competência comunicativa cada vez mais ampla e diversificada – sem que ainda isso implique a desvalorização de sua própria variedade linguística, adquirida nas relações sociais dentro de sua comunidade.

Portanto, utilizar a língua e suas variações como um instrumento de fala, como sua identidade e como representação de sua sociedade é uma escolha cabível, unicamente ao falante, podendo ser utilizada por familiaridade, consciência crítica ou por prestígio social no trato da língua e das questões de linguagem. É o que pretendemos mostrar no decorrer desse estudo sobre a variação linguística falada por peões em comunidades rurais de Nova Andradina-MS.

### **1.5 Língua, Cultura e Sociedade**

As pessoas estão inseridas em uma determinada comunidade e para a interação e a sobrevivência se comunicam por meio de signos linguísticos, pois é por meio da língua que os povos interagem entre si e com o meio exterior. Assim, partindo do princípio da interação linguística, Saussure (1989, p.91) diz que “a linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro”, fica evidente a estreita relação entre língua e sociedade.

Então, percebemos que, de acordo com Saussure (1989), a linguagem está inteiramente relacionada às questões sociais, isto é, o externo e o interno estão

correlacionados, uma vez que a língua existe para a comunicação, sem ela não conseguiríamos interagir com os outros; então ela é um veículo de cultura, pois tudo que caracteriza uma região (geografia, influências de colonização, entre outras) refletir-se-á na língua e por consequência na linguagem do indivíduo.

E quando tratamos de cultura, logo nos vêm ao pensamento questões relacionadas aos costumes, às lendas e não imaginamos que a linguagem esta inserida nesta definição. Entende-se que a cultura é toda a forma de expressão; seja ela nos modos de se vestir, comer, dançar e/ou na religião. Elia (1987), explica que a cultura está no âmbito antropológico e, pode ser material e estrutural. E a língua se caracteriza sendo cultural, pois ambas foram estruturadas pelo homem, para atender aos seus desejos, anseios e suas necessidades enquanto ser social.

Afirma Lyons (1987, p.91), que “a cultura pode ser descrita como conhecimento adquirido socialmente: isto é, como o conhecimento que uma pessoa tem em virtude de ser membro de determinada sociedade”. Então, é uma assertiva que a linguagem faz parte da cultura, pois os seus usuários a adquirem em grupo, ou seja, socialmente, e a utilizam também no meio social em que vivem.

Com relação aos aspectos linguísticos, como sabemos, há várias linhas de pensamento e de estudo; a Etnolinguística, a Sociolinguística. Explicando, Oliveira (1999) (*apud* SANTOS, 2007, p.11) diz que a sociolinguística “*trata das relações entre traços linguísticos e fatores socioculturais, no seio de uma comunidade*”, em referência à Etnolinguística, esta “*aborda problemas que se referem às relações entre a língua e a visão de uma comunidade linguística*” Então, todos os aspectos abordados anteriormente nos fazem entender que Linguística e Sociolinguística, enquanto ciências possuem a finalidade de explicar as variáveis linguísticas da língua em uma determinada cultura.

A língua impõe a seus falantes uma visão de mundo que condiciona os comportamentos psíquicos e sociais dos indivíduos. Contudo, a capacidade humana de transformar o meio social e de explorar a natureza conduz o tempo todo a uma nova realidade social, que obriga o homem a uma nova visão de mundo, levando a novos recortes, novas apreensões e novos tratamentos do *continuum* dos dados da experiência, o que força a língua a mudar para poder continuar dando conta da realidade natural e social e servindo de instrumento da comunicação e do pensamento humanos. Essas ideias assim são sintetizadas por (SAPIR – WHORF, 1969, p.74) ao ressaltar que:

A linguagem determina a forma de ver o mundo e, conseqüentemente, de se relacionar com esse mundo (hipótese do determinismo linguístico); isso significa que para diferentes línguas há diferentes perspectivas e diferentes comportamentos (hipótese do relativismo linguístico).

É interessante destacar que, para Sapir (1969, p.137), tanto a língua como a cultura (realidade social) são passíveis de modificações; é da natureza da linguagem a mudança, visto que “não há nada perfeitamente estático” e a deriva geral de uma língua tem fundo variável. Entretanto, existe um paradoxo: de que embora ambas estejam sujeitas a mudanças, essas se dão em velocidades diferentes - a língua se modifica mais lentamente, pois um sistema gramatical, no que depende dele próprio, tende a persistir indefinidamente, já a fala varia com as circunstâncias de uso.

A tendência conservadora se faz sentir muito mais profundamente nos lineamentos essenciais da língua do que nos da cultura, propriamente dita. As conseqüências disso são que as culturas não poderão ser sempre simbolizadas pela linguagem, conforme a passagem do tempo, e que será muito mais fácil simbolizar a cultura no passado do que a do momento atual, devido à sua flexibilidade para atender as reais necessidades do falante.

A língua precisa adaptar-se, constantemente, às necessidades comunicativas da comunidade falante. Se não mudasse, isto é, se não se adaptasse a uma realidade social sempre nova, em pouco tempo ela estaria divorciada da sociedade a que deveria servir. Diante disso, podemos dizer que a língua evolui porque funciona e funciona porque evolui, é o uso da linguagem que produz sua mudança e é esse permanente mudar que garante a continuidade de seu funcionamento, para atender às necessidades dos falantes no processo da comunicação linguística (BUENO e MACHADO, 2014).

No entanto, a língua é uma instituição herdada de gerações anteriores e não um contrato firmado entre os falantes no presente. Ela é produtora e produto da cultura, a diversidade cultural em todos os seus aspectos é a causa da sua diversidade linguística e cultural, cujo objetivo é facilitar a interação comunicativa entre os membros de uma determinada comunidade de fala.

### **1.6 Breve histórico de Nova Andradina – MS**

O Município de Nova Andradina foi colonizado pelo paulista Antônio Joaquim de Moura Andrade, homem dotado de extraordinária visão e de habilidades incomuns que ao chegar à localidade encherrou/vislumbrou uma região próspera e de suma importância para o crescimento do interior do estado, (MARTINS, 2015).



Mora Andrade iniciou seus trabalhos de colonização em Mato Grosso quando adquiriu do Estado, uma Fazenda chamada "Caapora", que mais tarde passou a denominar Fazenda Primavera localizada nas proximidades do Rio Samambaia, em plena selva, no vale do Rio Paraná. Logo após a fundação do município, o Sr. Moura Andrade se empenhou na construção de um porto fluvial às margens do Rio Paraná, que serviria de base para a efetivação do projeto de ampliação do município e escoamento da produção local.

Mais tarde veio a adquirir a fazenda Baile e, em 1957, Moura Andrade destaca uma gleba da referida fazenda para implantação dos alicerces da cidade de Nova Andradina. Em seguida, procede ao loteamento de outras propriedades rurais, o que determinou a vinda de grandes levas de migrantes nordestinos, paulistas, paranaenses e mineiros para o local, culminando no rápido povoamento da cidade e região.

No mesmo ano foi instalada a primeira escola da nova comunidade. No ano seguinte foi construído o novo prédio da escola que passou a se chamar Grupo Escolar Moura Andrade, em homenagem à família do fundador.

Segundo o IBGE/Censo de 2010 Nova Andradina possuía uma população de aproximadamente 45.585 mil habitantes, o que a coloca em uma posição de sexto lugar no processo socioeconômico do estado, sendo que 38.786 das pessoas viviam na zona urbana e 6.799 na zona rural. Em 2014 essa população municipal dá um salto significativo para 50.010 mil habitantes.

O topônimo Nova Andradina é uma homenagem ao seu fundador, Antônio Joaquim de Moura Andrade, no qual se acrescentou o vocábulo "Nova" para evitar que fosse confundida com Andradina, cidade do estado de São Paulo, que por coincidência, também fora fundada pelos Moura Andrade.

Popularmente denominada de "Capital do Vale do Ivinhema", a cidade de Nova Andradina-MS tem como destaque econômico a criação e abate de bovinos, o que também lhe rendeu o título de capital do boi, pela importância de ser um dos principais polos pecuários do Brasil. A cidade de Nova Andradina está localizada a 301 km da capital do estado (cf. Mapa a seguir) é considerada uma região estratégica para o crescimento do interior do estado de Mato Grosso do Sul.



Figura 1 <https://www.google.com.br/search?mapa> com a localização de Nova Andradina-MS

## **CAPÍTULO II – A ORIGEM E DIMENSÃO DOS ESTUDOS SOCIOLINGUÍSTICOS NO PORTUGUÊS DO BRASIL**

Neste capítulo será apresentada uma breve história dos estudos de (Sócio)Linguística, os conceitos, papel da sociolinguística e sua importância para o ensino de língua, a dimensão e características dos estudos sociolinguísticos, a variação e mudança linguística e sua contribuição para o estudo da língua portuguesa, além das fontes e experiências de pesquisa em sociolinguística.

### **2.1 – Uma breve história dos estudos de (Sócio)Linguística**

De acordo com Menezes (2007), a Linguística consolidou-se como ciência a partir dos estudos de Ferdinand de Saussure e com a publicação do *Cours de Linguistique Générale* (Curso de Linguística Geral), em 1916, obra póstuma escrita por Charles Bally e Albert Sechehaye, seus ex-alunos, três anos após a sua morte em que foram sistematizados os ensinamentos de Saussure nos cursos ministrados na Universidade de Genebra, entre os anos de 1911 a 1913.

Porém, vale ressaltar que os estudos Linguísticos saussurianos deixaram algumas lacunas, pois para Saussure a língua (*langue*), é vista sob um ângulo social, como objeto central de seus estudos linguísticos, em oposição à fala (*parole*), que é considerada algo individual. A língua é vista por Saussure como um sistema de regras, um estudo, de certa forma, sincrônico, em que ela é concebida como um sistema estático, homogêneo, regular, Saussure (1989), privilegiando o caráter formal e estrutural do fenômeno linguístico. Em seus estudos Saussure descreve a língua como um conjunto de unidades organizadas formando um todo, “sua intenção não era formar um sistema de uma língua particular, mas elaborar um sistema de conceitos gerais que pudesse dar conta de todas as línguas” (HORA, 2004, p. 15).

Convém salientar que os estudos linguísticos sob este ponto de vista não levavam em consideração o falante e os diversos modos como a língua se apresenta nas diferentes situações de uso reais. Saussure privilegia a língua como seu objeto de estudo, uma vez que a considerava um sistema subjacente à atividade da fala, em que podemos aferir, assim como Alkmim (2001, p.28) que “é o sistema invariante que pode ser abstraído das múltiplas variações observáveis da fala”.

Alkmim (2001) ressalta ainda que o nascimento da Sociolinguística ou da Teoria da Variação acontece a partir da constatação da importância da fala e sua adequação ao contexto concreto de uso. Sua preocupação é observar o fenômeno linguístico em sua abrangência dialetal e variacional, verificando como a língua funciona em um determinado contexto de fala, e quais as variáveis que podem influenciar diretamente para que as mudanças linguísticas ocorram. Lembrando que essas variáveis podem ser linguísticas e/ou extralinguísticas. Na presente pesquisa descrevemos as variáveis: nível de escolaridade, gênero e faixa etária do falante como possíveis influenciadoras do uso das variantes “mangueiro” e “mangueira” em referência ao vocábulo curral, como recinto onde se prende o gado, utilizadas por falantes da cidade Sul-Mato-Grossense de Nova Andradina e região.

Na visão do estudioso William Brigh (1978) os estudos sociolinguísticos consolidam-se a partir da década de 1964 com a realização de um congresso na Universidade da Califórnia, Los Angeles, Estados Unidos. O referido congresso foi organizado por William Bright, e contou com a participação de importantes estudiosos da Sociolinguística, nova ciência que despintava no cenário dos estudos linguísticos e sociolinguísticos como: William Labov, Dell Hymes e John Gumperz e outros que se fizeram presentes, todos adeptos dos estudos da variação linguística como fenômeno importante para as mudanças que as línguas sofrem no decorrer do tempo e do espaço geográfico.

Das discussões ocorridas durante este congresso resultou a publicação da coletânea Sociolinguistic (Sociolinguística), organizada por Maria Stella Vieira Fonseca e Moema Facure Neves (1974). Nesta obra os linguistas procuram estudar a diversidade linguística vinculada à estrutura social, privilegiando a fala que é estudada por meio de “orientações contextuais”, em que os lexemas estão inseridos em um contexto a partir do qual se conhece o sentido dos vocábulos e sua aplicação no dia a dia de uma determinada comunidade de fala, (ALKMIM, 2001).

A Sociolinguística, também conhecida como Teoria da Variação ou sociolinguística laboviana, preocupa-se em estudar a língua em uso na comunidade de fala. Esse estudo leva em consideração a língua como um fato social, pertencente a todos os indivíduos de uma determinada comunidade. A Sociolinguística concebe a língua como uma estrutura viva, que se diversifica dependendo da região onde é empregada, ou seja, ela possui um caráter heterogêneo. A este respeito Bortoni-Ricardo (2004, p.20) salienta que:

A Sociolinguística se ocupa, principalmente, das diversidades nos repertórios linguísticos das diferentes comunidades conferindo às funções sociais que a linguagem desempenha a mesma relevância que até então se atribuía tão somente aos aspectos formais da língua.

Ou seja, seu objeto de estudo é a língua falada, em um contexto social, em uma situação real de uso. Pois, a língua constitui-se de um instrumento complexo, com várias possibilidades de uso, por meio do qual é possível identificar o falante, seu grau de escolaridade, seu local de origem, sua profissão, entre outros.

Essas diferentes possibilidades são geradas porque o homem é um ser subjetivo que a utiliza adequando às diversas situações de uso. Por isso, pode-se inferir que cada falante usa a língua da forma que passa exprimir seu pensamento, suas ideias, seu conhecimento das coisas e do mundo ao seu entorno, uma vez que sem a comunidade ou sem a sociedade não existe interação, daí a importância de se descrever as relações existentes entre língua, sociedade e cultura. Pois, é por meio da vida em sociedade - da interação entre os indivíduos - e da herança cultural, transmitidas de gerações para gerações que ocorrem as mudanças na língua, para atender às necessidades dos falantes desta língua. A respeito deste assunto Hora (2004, p. 18) ressalta que:

A Teoria da Variação opõe-se à ausência do componente social e à concepção de língua que até então impera na linguística estrutural e gerativa. Situa-se em relação ao conjunto língua e sociedade, considerando a variedade das formas em uso como objeto complexo, decorrente dos fatores internos, próprios do sistema linguístico, e dos fatores sociais que interagem no ato da comunicação. A variação da língua constitui, portanto, um dado relevante da teoria e da descrição Sociolinguística.

E são fatores sociais, ou seja, externos ao sistema linguístico, que mais contribuem para que haja as mudanças na língua, pois é a partir deles que os falantes registram informações em seu inconsciente e com o passar do tempo, poderão ocorrer as possíveis mudanças nos termos, expressões, vocábulos e nas formas como a língua é usada pelas pessoas no seu dia a dia, lembrando que essas mudanças são mais visíveis no léxico, tendo em vista que é a parte da língua que está mais exposta e, conseqüentemente sujeita a receber e sofrer tais transformações, Isquierdo e Oliveira (2001), como podemos verificar por meio da presente pesquisa sobre o uso da variável curral e suas variantes “mangueiro” e “mangueira” em comunidades rurais: uma descrição sociolinguística, realizada em Nova Andradina para traçar o perfil linguístico dos falantes que fazem uso dessas expressões em referência a curral, ou seja, ao lugar onde se reúne o gado.

## 2.2 Conceitos e papel da sociolinguística e sua importância para o ensino

A sociolinguística é um campo dos estudos linguísticos que examina os aspectos da linguagem e o contexto social onde essa linguagem é utilizada no dia a dia como meio de comunicação e de transmissão de conhecimento entre os membros daquela comunidade de fala, ou seja, analisa os fenômenos de linguagem e o comportamento social do falante. O marco inicial dos estudos sistemáticos da sociolinguística se deu, sobretudo, na década de 1960, por meio dos estudos do americano Willam Labov.

No final dos anos 60, segundo Paulston e Tucker (2003), a sociolinguística se tornou popular e dois nomes ou duas acepções distintas foram atribuídos à nova ciência que surgia no cenário linguístico para estudar a interação entre a linguagem e a sociedade. A saber: Sociolinguística e Sociologia da linguagem. Segundo os autores, os termos eram utilizados como sinônimos, mas conforme os estudos foram avançando as distinções passaram a se acentuar cujas justificativas são as seguintes: a *sociolinguística* é o estudo com uma descrição maior e mais ampla da linguagem, focando o efeito da sociedade sobre a língua, enquanto a *sociologia da linguagem*, por sua vez, enfocaria o efeito da língua sobre a sociedade. A esse respeito Monteiro (2008, p. 16) acrescentando que:

Sob uma perspectiva social: a função da língua de estabelecer contatos sociais e o papel social por ela desempenhado, de transmitir informações, sobre o falante, constitui um prova cabal de que existe uma íntima relação entre a língua e a sociedade.

Ao estudar a língua, a sociolinguística percebe que ela influencia a visão de mundo dos falantes, pois é por meio da língua, em contato com o contexto social, que percebemos o mundo ao nosso entorno, em que não podemos esquecer que a língua e a sociedade são duas realidades que se relacionam de tal maneira que é impossível conceber uma sem a outra, Menezes (2007).

Dentro dessa perspectiva dos estudos da linguística e da sociolinguística, enquanto ciência que estuda a variação a mudança linguística atrelada ao contexto de uso concreto da língua, Sousa, (2005) enfatiza que existem duas linhas ou duas vertentes pelas quais os estudos sociolinguísticos podem ser analisados: a vertente Interacional e a vertente Variacionista.

A primeira apresentada por Dell Hymes (1927) procura estudar “o uso da língua na interação social face a face” além de estudar o modo de agir do falante no momento da

interação, do qual dependem fatores importantes e fundamentais como: com quem se fala, sobre o que se fala, o local da conversa e a circunstância do momento da fala.

A vertente Variacionista, por sua vez, foi introduzida no cenário dos estudos linguísticos pelo americano William Labov (1962), que a designa de Variacionista. Essa vertente busca analisar os fatores linguísticos em um contexto social e leva em consideração variáveis linguísticas como: idade, gênero, nível social, nível de escolaridade, origem étnica, localidade onde reside o falante entre outras que podem influenciar o uso de uma determinada variante linguística em detrimento de outra. Labov afirma que essas características do locutor (falante) e do interlocutor (ouvinte) podem influenciar no modo como o indivíduo usa seu repertório linguístico ao se comunicar, de acordo com as suas necessidades no momento da interação face a face.

Como se pode perceber, a Sociolinguística trabalha a língua em um contexto de fala, seja ele no modo da interação entre os falantes ou nos fatores ou variáveis sociais que podem influenciar o comportamento linguístico do falante no momento da interação. Por isso, o estudo da fala não é dissociado da sociedade, pois é na convivência social que a fala acontece em seus diversos modos e sob diferentes circunstâncias. Daí se afirmar que a linguagem é social, pois o homem a adquire no convívio em sociedade e ela pertence a todos os indivíduos dessa comunidade de fala. Eles se apropriam dela e a usam nas relações sociais entre os demais membros da sociedade, é o meio utilizado pelo homem para expressar seus sentimentos e emoções. Linguagem, sociedade e cultura estão unidas de tal modo que a evolução de uma se deu com a participação direta da evolução da outra, pode-se, em outras palavras, dizer que existe aí uma relação de dependência mútua.

Diferentes estudiosos da língua reconhecem tal ligação, um exemplo é Alkmim (2001, p.24), ao afirmar que a fala é estudada por meio de “orientações contextuais”, ou seja, os diferentes lexemas da língua estão inseridos em um contexto a partir do qual se conhece o sentido dos termos e sua aplicação no dia a dia dos falantes daquela sociedade, como forma de manter a comunicação e a interação entre os membros pertencentes àquela comunidade.

É assim que a sociolinguística estuda a língua, levando em consideração seu caráter individual e social, pois cada indivíduo possui seu modo particular e pessoal ao usá-la adequando-a e escolhendo a variedade que melhor condiz com a sua realidade linguística no momento de se expressar oralmente.

### 2.3 Dimensão e características dos estudos sociolinguísticos

A sociolinguística nos possibilita investigar as atitudes linguísticas, o percurso linguístico de determinadas comunidades e diferentes dialetos sociais falados pela comunidade de fala.

Diante dessa perspectiva, a sociolinguística descreve as variáveis sociais que constroem e caracterizam a sociedade, ou o futuro linguístico de um determinado povo, ao mesmo tempo em que busca conhecer e compreender o processo de variação e mudança linguística por que passa a língua, analisando e divulgando as características da linguagem, da cultura e da sociedade.

De acordo com Menezes (2007) e partindo dessa perspectiva variacional, a Sociolinguística permite ao pesquisador realizar investigações empíricas sobre: Língua e Linguagem, Linguagem e Sociedade, Linguagens e Preconceitos, Linguagem e Poder, Linguagem e Ensino, Linguagem e qualidade de vida; Linguagem e Atitudes Linguísticas, Linguagem e Percurso Linguístico. Os estudos sociolinguísticos concebem a língua como uma estrutura viva, que se diversifica no tempo e no espaço geográfico dependendo de como e onde é empregada, devido à grande heterogeneidade comum a todas as línguas vivas. A esse respeito Bortoni Ricardo (2005, p. 20) salienta que:

A sociolinguística se ocupa principalmente das diversidades nos repertórios linguísticos das diferentes comunidades, conferindo as funções sociais que a linguagem desempenha a mesma relevância que até então se atribuía tão somente aos aspectos formais da língua.

Assim, é possível inferir que a língua é um instrumento complexo com várias possibilidades de uso. Essas possibilidades são geradas porque o homem é um ser subjetivo e complexo que a utiliza em diversas situações, para exprimir o seu pensamento e/ou a sua cultura, além de considerar os diferentes fatores, sejam linguísticos ou sociais que influenciam para que o falante registre informações em seu inconsciente e, com o passar do tempo essa nova informação, ou essa nova expressão pode variar ou mudar a forma como a língua é usada, lembrando que essas transformações são necessárias para facilitar a comunicação e para que a língua possa acompanhar as mudanças que ocorrem na sociedade.



## 2.4 A variação e a mudança linguística

A língua não é usada de forma igual por todos os seus falantes, ela pode variar de região para região, de gênero para gênero, de época para época, de classe social para classe social. Cabe a cada falante respeitar o modo de falar do outro, pois respeitar o modo de ser do outro e, acima de tudo, respeitá-lo como cidadão e como falante de um código linguístico.

Um dos fatores que condicionam a mudança linguística é o gênero do falante, pois são exigidas diferentes posturas dos interlocutores de acordo com a função que cada um exerce socialmente. Coulthard (2001 p.11) nos confirma que “as formas elicitadas dependem crucialmente de como, de quando, de onde e de por quem são elicitadas” e a que público essas formas pretendem atingir. Assim, se usamos um estilo mais informal de fala atingimos um público ouvinte mais formal e elitizado se, por outro lado, fizermos uso de uma forma mais informal da língua, então o nosso público serão pessoas mais humilde da sociedade.

Dado que o gênero interfere na maneira de falar dos indivíduos, inferimos que a linguagem masculina e feminina também apresentam diferenças significativas, visto que as mulheres são mais conservadoras na fala e que usam mais a forma padrão da linguagem, e os homens, uma vez que são menos cobrados, socialmente, podem até mesmo fazer uso de palavrões e gírias. Bortoni Ricardo (2004, p. 47) acrescenta que:

As mulheres costumam usar mais diminutivos “trouxe esta lembrancinha para você; é uma coisinha de nada”. Usam também mais partículas como “né?”, “tá?”, “tá bom?”, que são chamadas de marcadores conversacionais e que cumprem várias funções na conversa. O caso dos marcadores que são mais usados pelas mulheres, eles tem principalmente a função de obter aquiescência e concordância do interlocutor. A linguagem dos homens, por outro lado, é mais marcada pelos chamados palavrões e gírias mais chulas. Mas não se esqueça de que essas variações entre os repertórios feminino e masculino são relacionadas aos papéis sociais que, conforme já aprendemos, são culturalmente condicionados.

Bueno e Barbosa (2014) ressaltam que essas variações linguísticas ligadas ao gênero do falante estão vinculadas aos papéis sociais que homens e mulheres exercem, pois ambos são socialmente diferentes, no sentido de que a sociedade lhes confere papéis distintos e espera que utilizem padrões de comportamentos linguísticos também distintos, ou seja, as variações linguísticas podem ser devidas ao gênero do falante e de acordo com o gênero, é possível que o falante faça escolhas linguísticas usando uma determinada variável em detrimento de outra, dependendo da situação de comunicação.

Homens e mulheres não falam da mesma maneira, uma vez que em sua fala há diferenças no ritmo e no tom de voz, há preferências por certas estruturas sintático-linguísticas, pelo emprego de certos vocábulos ou formas de cortesia, bem como a omissão de outros em função das conotações que possam apresentar, e há até crenças de que as mulheres falam muito mais rápido que os homens. Monteiro, (2008, p. 71), neste sentido corrobora a nossa assertiva afirmando que:

A análise estatística, feita a partir de um *corpus* de 25 horas de gravação com sujeitos falantes da alta burguesia parisiense, revelou diferenças significativas, porém menos na articulação dos fonemas do que no ritmo da produção, sendo o das mulheres muito mais veloz. Ou seja, elas articulam mais rapidamente que os homens, necessitando então de menos tempo para a mesma frase e formando menos grupos rítmicos na cadeia da fala.

As mulheres são detentoras de um vocabulário mais limitado e mais centralizado, isto é, possuem um repertório comum, ao passo que os homens apresentam mais individualidade na escolha das palavras. Monteiro, (2008, p. 72) enfatiza que “no discurso cuidado, as mulheres empregam menos as variantes estigmatizadas do que os homens e, assim sendo, parecem mais sensíveis aos valores sociais que condicionam o uso da língua”.

Isso se dá porque elas são mais cobradas, socialmente, que os homens. E, sabendo que a sociedade espera delas um comportamento linguístico, o mais próximo possível do padrão, são as primeiras a se policiarem no momento da interação verbal e da troca de conhecimento sobre um determinado assunto.

## **2.5 Fontes e experiências de pesquisas sociolinguística**

O modelo teórico-metodológico da pesquisa Sociolinguística Variacionista ou Sociolinguística Quantitativa é denominado dessa forma por operar com números e tratamentos estatísticos de dados coletados, e é atribuído a William Labov, que insistindo na relação entre língua e sociedade criou um modelo de análise que possibilitasse a sistematização da variação existente na língua falada.

Os primeiros estudos conduzidos por Labov nesta linha se deram através de sua dissertação de mestrado sobre o inglês falado na ilha de Martha's Vineryard (centralização de ditongos), no Estado de Massachussets e, posteriormente, em sua tese de doutorado, sobre a estratificação do inglês falado na cidade de Nova York (a variável r) ambos os trabalhos orientados por Uriel Weinreich, da Universidade de Columbia.

Labov observou que a comunidade de Martha's sofreu influências sociais dramáticas provocadas por veranistas do continente e que os habitantes “nativos”, ressentindo-se de tal invasão cultural e econômica, marcavam a pronúncia dos ditongos como forma de marcar seu espaço, sua identidade, sua cultura, o perfil de comunidade e do grupo social, e concluiu que isto seria objeto de pesquisa, em razão da influência das forças sociais atuantes no uso da língua, o que também pretendemos mostrar em nosso trabalho sobre o uso das variantes “mangueiro” e “mangueira” pelos informantes de Nova Andradina e região, com vistas a traçar o perfil desse grupo de alunos peões que, ao frequentar os bancos escolares, trazem consigo um linguajar bastante diferente daquele usado pela escola e pelos demais alunos.

Tomando por base os pressupostos labovianos, a seguir apresentamos a metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa, que consiste na seleção dos informantes para a coleta dos dados a serem escritos e interpretados posteriormente no capítulo IV, que trata da análise dos dados; na descrição das variáveis sociais selecionadas para o estudo, a saber: o nível de escolaridade do falante, uma vez que, de acordo com Votre (1994), quanto maior o nível de escolaridade do falante maior a probabilidade de, ao falar, ele aproximar-se da modalidade padrão da língua, exceto em situações muito específicas de interação; na variável gênero do falante, considerando as observações de Paiva (1994), ao salientar que a predominância da mulher na escolha de formas linguísticas mais “requintadas”, pode estar associada ao fato de as mulheres se preocuparem com a beleza física, com o modo de vestir, de andar, em fim, com a estética como foco de valorização, o que pode refletir no falar e no comportamento linguístico, fazendo-as mais observantes às normas padrão da língua; a variável faixa etária do falante, uma vez que de acordo com Naro (1994) a idade do indivíduo pode refletir na sua forma de usar determinados vocábulos da língua e, para finalizar o capítulo, descrevem-se os critérios para interpretação dos dados selecionados do *corpus* da pesquisa, assim como os nossos informantes.

## Capítulo III – METODOLOGIA DA PESQUISA

### 3.1 A escolha dos informantes

Todos os informantes entrevistados residem no Município de Nova Andradina situado ao Sul do Estado de Mato Grosso do Sul. O universo da pesquisa compreendeu os Bairros São Bento, Umbaracá e Laranjal, escolhidos em decorrência de serem os maiores criadores de gado, por isso, são considerados propícios para o levantamento dos dados necessários à pesquisa, ou seja, do material linguístico que constitui o nosso *corpus*, em que foram entrevistados 16 (dezesesseis) informantes, distribuídos de acordo com variáveis extralinguísticas, que podem influenciar a variação e, em algumas situações, até mesmo a mudança linguística, que exercem importância tais quais as variáveis linguísticas presentes no interior da língua. De acordo com Mollica (2003, p.27), as variáveis linguísticas e não linguísticas agem em conjunto, com vistas a inibir ou favorecer o emprego de formas variantes, semanticamente, equivalentes.

As variáveis extralinguísticas escolhidas englobam gênero, nível de escolaridade e a faixa etária do falante. O perfil dos informantes, para a presente pesquisa, foi assim traçado:

- Pertencer à faixa etária: de 19 a 49 e de 50 a 75 anos
- 8 (oito) pessoas do gênero feminino
- 8 (oito) do gênero masculino
- Possuir os seguintes níveis de escolaridade: não alfabetizado, Ensino Fundamental e Ensino Médio
- Ter nascido no município de Nova Andradina ou residir no local por mais de 20 anos

Este último critério foi selecionado, tendo em vista que pessoas que viajam muito acabam por assimilar hábitos linguísticos característicos dos lugares visitados, por isso, demos prioridade a falantes nascidos na região, ou que vivam nela há mais de vinte anos e que não tenha histórico de viajante. Vale lembrar que esse recorte de 20 anos foi realizado porque se acredita que esse é o tempo necessário para o falante assimilar os hábitos linguísticos característicos do falar da região onde ele está inserido.

Esses foram os critérios, previamente, estabelecidos para a escolha dos informantes e a recolha dos dados que compuseram o *corpus* da pesquisa em que foram descritas as variantes “mangueiro” e “mangueira” utilizadas pelos falantes em referência à palavra *curral* para definir o local onde se reúne o gado.

A seguir apresentamos um quadro com os dados dos informantes, de acordo com as variáveis extralinguísticas selecionadas para o presente estudo sobre a variação na fala de peões de comunidades rurais em Nova Andradina – MS, com relação às variáveis estudadas.

**Quadro 1 – perfil dos informantes selecionados para a pesquisa**

Nome	Idade	Gênero	Nível de escolaridade			
				Mangueiro	Mangueira	Curral
<b>C. L. A.</b>	35	F	EM***	1	2	
<b>J. C.</b>	61	M	A*	2	2	
<b>P. S. S.</b>	45	M	A	2	2	
<b>O. A. F. P.</b>	53	F	EF**	3		1
<b>M. O. M.</b>	50	F	EF		2	
<b>J. P. S. G.</b>	35	M	EF	2		
<b>G. S.</b>	39	F	EM	2		1
<b>E. S. F. S.</b>	39	F	EM		2	
<b>R. C. S.</b>	31	M	EF	1		
<b>J. N. R.</b>	68	M	A		1	
<b>V. J. R.</b>	35	M	A	2		
<b>E. M. S. J.</b>	52	M	EM	4		
<b>G. B. N.</b>	26	M	EM	1	2	1
<b>S. M. O.</b>	28	F	EF		2	
<b>Z. V. B.</b>	65	F	A		3	
<b>V. A. P. B.</b>	19	F	EF	2		
<b>Total</b>	16			22	17	3

- \*. A sigla A corresponde a informante sem nenhum nível de escolaridade (não alfabetizado),  
 \*\*. A sigla EF a informante do Ensino Fundamental,  
 \*\*\*. A sigla EM a informante com Ensino Médio.

De acordo com os dados do quadro 1 podemos observar que os informantes contribuíram para com a pesquisa fornecendo-nos as entrevistas em que utilizam as variantes estudadas. Vale ressaltar que os informantes foram distribuídos de acordo com as variáveis gênero, faixa etária, e nível de escolaridade do falante e as variantes linguísticas, em que “mangueiro” foi o vocábulo mais utilizado pelos informantes, comparado a “mangueira” que acreditávamos ao iniciar a pesquisa, que seria o vocábulo mais utilizado pelos informantes (22>17). Todavia, nossos dados não foram totalmente confirmados, ou seja, pode-se justificar, tendo em vista o meio rural de uso da variante e o conservadorismo dominante do gênero masculino neste ambiente.

### 3.2 A recolha dos dados

A coleta de dados foi realizada *in loco* com entrevistas gravadas no gravador de voz no aparelho de telefone celular da Samsung Galaxy modelo S4, por, aproximadamente, uns quinze minutos para cada informante, perfazendo um total de cerca de 6 (seis) horas de fala gravada e transcrita seguindo as normas do português falado culto, com adaptações para a linguagem popular falada, realizadas pelo Prof. Dr. Pedro Caruso da UNESP/Assis (cf. normas para transcrição em anexo).

As entrevistas foram transcritas obedecendo às normas do NURC<sup>2</sup>- SP. Para seleção dos vocábulos estudados e para melhor compreensão ouvimos as gravações mais de uma vez. Após esta etapa concluída, os dados das entrevistas foram analisados à luz da Teoria da Variação Linguística proposta pelo americano William Labov (1983) e confrontados com outros teóricos que embasam a presente pesquisa.

O material linguístico coletado foi baseado em assuntos que dizem respeito à vivência cotidiana dos informantes. Esses assuntos fazem parte dos momentos mais importantes de suas vidas, isso porque, ao narrar assuntos de grandes emoções, o informante volta-se ao passado e revive momentos emocionantes, e ao reviver uma determinada situação deixa seu lado emocional vir à tona e se desvincula das normas gramaticais prescritas pelas gramáticas normativas, focalizado apenas o assunto que está sendo narrado, (TARALLO, 2007).

Como os estudos de natureza sociolinguística focalizam a linguagem no seu uso espontâneo e real, as perguntas que compõem o questionário aplicado foram de suma importância para coletar a fala espontânea de nossos entrevistados. Além de perguntas sobre

---

<sup>2</sup> Projeto de estudo da língua falada culta em cinco capitais do país, com mais de um milhão de habitantes, a saber: São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Porto Alegre e Belo Horizonte.

brincadeiras de infância, namoro, casamento, festas populares, atividades que mais gosta de realizar, entre outros, fizemos perguntas referentes a momentos difíceis pelos quais os informantes já haviam passado como, por exemplo, a perda de um ente querido, lembrando que o assunto “perigo de morte” é o momento em que o falante se solta e se emociona, deixando a fala fluir espontânea e naturalmente, (LABOV, 1983).

Importante ressaltar que em parte das entrevistas tivemos dificuldades com informantes que não se soltavam ao falar, dizendo que não havia nada importante a declarar, tinham vergonha e/ou dificuldades de se expressar, além das dificuldades de chegar às localidades onde estava a pesquisadora, em decorrência da época chuvosa e até mesmo da distância.

Quando nos encontrávamos diante de uma situação em que os informantes respondiam às perguntas usando apenas monossílabos, agradecíamos pela gentileza e procurávamos outro informante, pois nosso objetivo era colher a fala espontânea do falante e se este não falava não havia por que entrevistá-lo. Diante desse fato, tivemos algumas dificuldades, mas nada tão grave que não pudesse ser resolvido no decorrer das entrevistas.

### **3.3 As variáveis sociais pesquisadas**

#### **3.3.1 A variável nível de escolaridade do falante**

De acordo com Votre (1994), para fazer uma análise precisa sobre a variável escolaridade dos falantes é fundamental entender algumas distinções dessa modalidade, levando em conta o contexto e o local em que ocorre a variação linguística. O autor supracitado ressalta que não basta e não se pode, simplesmente, considerar a variável escolaridade de maneira generalizada, considerando apenas o grau de instrução do falante, mas é necessário analisar alguns conceitos de modalidades da fala e dentro desses enquadrar e avaliar o falante. Podemos considerar as dualidades: *forma de prestígio* e *forma neutra*; fenômeno *estigmatizado* e o *não estigmatizado*; casos que são objetos do ensino escolar e os que não são exatamente alvo deste, além da distinção entre língua escrita e língua falada.

A forma denominada de prestígio é aquela em que a comunicação ocorre em situações mais formais, em ambientes que exijam essa formalidade e é também a forma empregada nas escolas e nos meios de comunicação em geral. É a forma conhecida como elitizada ou padrão, ou seja, a forma teoricamente considerada “correta” pelos defensores da gramática normativa. Quando falamos em ensino da gramática, parece ser este o foco, isto é, a instituição de normas que possam reger a forma de falar, tarefa que, na escola, geralmente, cabe aos professores de Língua Portuguesa.

Assim, convém ressaltar que existe em todas as línguas um padrão a ser seguido, isto é, uma forma norteadora de como se deve usar cada elemento do sistema linguístico e é esta a forma chamada de prestígio, em que tudo aquilo que foge a tais padrões é considerado inadequado, Bagno (2007).

A forma estigmatizada parece ser exatamente a que se opõe ao primeiro conceito, pois é nela que ocorrem usos que apresentam desvios linguísticos da forma considerada de prestígio e seu nome se dá pelo estigma que esta recebe como inferior e negativa, sendo vista, por alguns teóricos, como errada. É importante lembrar que a forma estigmatizada não se dá, por descuido ou desinteresse, mas por fatores culturais, regionais, dificuldades fisiológicas que geram expressões diferentes, Bueno (2009) e por repetição acabam se fixando e sendo incluídas no vocabulário linguístico do sistema da língua.

Quanto aos fenômenos estudados e analisados na escola, percebe-se que há atenção especial voltada às ocorrências mais visíveis e evidentes, casos de desvios aparentes e mais marcantes, como por exemplo, a troca de fonemas, como o /l/ pelo /r/ (probrema ao invés de problema; crassificar por classificar), enquanto que ocorrências menos marcantes nem sempre são objeto de análise ou preocupação escolar. É o caso de alguma redundância ou desvio de concordâncias. Por fim, outra dicotomia muito importante e que merece atenção especial é a escrita e a fala.

A fala se refere ao discurso oral, caso em que as construções se dão de maneira mais espontâneas e menos despreocupadas, pois nem sempre o falante se atenta à observação de todas as normas para aplicá-las na fala num ato espontâneo de conversação. Referimo-nos a um discurso oral espontâneo em que ocorre um diálogo informal, como é o caso das entrevistas com nossos informantes, diferente de um discurso lido ou planejado para uma dada situação específica.

Nas escolas, geralmente, se privilegia o ato de ler e escrever e, muitas vezes, não se dá atenção especial aos discursos livres e espontâneos em que o falante age de maneira natural e, certamente, se fosse reproduzir o mesmo discurso de maneira escrita se preocuparia e teria maior incidência do uso de regras e normas que conhece e sabe onde empregá-las no texto escrito, porém não se atém a elas no discurso oral espontâneo. Esta realidade é comprovada na própria composição do *corpus* desta pesquisa, pois ao transcreever literalmente, as entrevistas realizadas com os informantes, fica evidente o quanto diferimos nossos conhecimentos linguísticos nos atos da fala e da escrita. É surpreendente perceber o quanto alteramos nossa maneira de usar a norma padrão e como variamos seu uso de uma



modalidade para outra, de acordo com o contexto em que nos encontramos e das necessidades reais de comunicação.

Dessa forma, se considerarmos os vários tipos de variações, é possível entender as ocorrências dos fenômenos linguísticos na oralidade e traçar o perfil linguístico do falante. Vale lembrar que quando se trata, exclusivamente, do fator escolar, os falantes que apresentam um nível maior de escolaridade tendem a nivelar também o uso das regras e a ocorrência de desvio é menos acentuada, tanto para os homens como para as mulheres, confirmando a teoria de que a escola age como preservadora das formas de prestígio diante das comunidades de fala. Segundo Votre (2003), conforme já afirmado anteriormente, as mulheres tendem a valorizar mais a forma de prestígio e a utilizam com maior frequência, fazendo com que a variável gênero prevaleça quando desconsideramos o nível escolar do informante.

### **3.3.2 A variável gênero do falante**

Quando nos referimos à variável gênero e afirmamos ou questionamos sobre as diferenças na fala, isto soa como algo retórico e até mesmo redundante, uma vez que são comprovadas as diferenças na fala de homens e de mulheres, já que homens possuem caracteristicamente voz mais baixa e grave, enquanto as mulheres apresentam voz mais aguda e mais alta. Porém, por se tratar de um estudo sociolinguístico tais características não constituem elemento principal, visto que o foco sociolinguístico está centrado nas variantes “mangueiro” e “mangueira” para se referir ao vocábulo curral, ou seja, ao local onde se reúne o gado, isto é, ao aspecto lexical da língua portuguesa falada no Brasil e, de modo especial, na falada em Nova Andradina e região.

Nas sociedades ocidentais as diferenças de léxico entre homens e mulheres são bem menos acentuadas, enquanto que em algumas culturas isso é marcante, havendo, inclusive em algumas delas vocabulários específicos para os diferentes gêneros, Mollica (2003).

De acordo com alguns estudos, entretanto, fica evidente e comprovada a influência do gênero nas variações linguísticas em que há uma predominância de opção e uso de formas ditas prestigiadas pelas mulheres muito mais que pelos homens. Elas parecem se preocupar mais com a fala e com aquilo que devem dizer e como devem dizer. É importante lembrar também as influências dos chamados “tabus” linguísticos, ou seja, há expressões ou palavras que são consideradas inadequadas, em que as próprias mulheres ou certos falantes hesitam em fazer uso de tais expressões, Preti (2000).

Para Paiva (1994), um dos primeiros estudos a que se tem referência sobre a influência do gênero sobre as variações linguísticas encontra-se em Fischer (1958), que afirma essa predominância da mulher na escolha de formas mais requintadas. Também se associa ao fato de as mulheres se preocuparem com a beleza física, com o vestir, o andar, a estética como foco de valorização e isso pode se refletir também no falar, fazendo-as mais observantes às normas linguísticas ditas padrão da língua portuguesa.

De acordo com esses estudos, outra questão a tratar é a variação estável, isto é, há controvérsias sobre as influências de homens e mulheres na criação de novas formas linguísticas, uma vez que mulheres são mais criativas e inovadoras ao passo que aos homens parece competir a autonomia em definir e implantar essas novas formas, já que prevalece sempre a ideia masculina na imposição de regras de uso da língua. Portanto, dividem-se as opiniões, pois quando se trata das chamadas formas prestigiadas, as mulheres parecem ocupar a liderança, já quando se trata das formas menos prestigiadas, são os homens que as utilizam com mais frequência.

Outro fato relevante na influência das mulheres na determinação das mudanças linguísticas é que estas são as responsáveis pela educação dos filhos e constituem, em qualquer parte do mundo, a primeira fonte de aquisição da língua nos dois primeiros anos de vida de uma criança, de acordo com Labov (2008, p. 127).

Também é importante ressaltar que essas variações e distinções são assim reconhecidas e ocorrentes se considerarmos apenas o fator gênero, ou seja, homens e mulheres de mesmo nível social, idade e escolaridade. Portanto, isto não é válido se compararmos grupos distintos, em que há influências de outros fatores. Por exemplo, alguém com um nível de escolaridade superior tende a sobressair em questões normativas de uso da língua, independente do gênero a que pertence.

Ao falar de gênero, diferenças e particularidades, é preciso ter em mente a questão cultural. Na cultura ocidental, por exemplo, as lutas pelo nivelamento das diferenças estão em evidência cada vez mais e homens e mulheres convivem harmoniosamente em muitas áreas sem distinções, entretanto, algumas culturas ou povos ainda preservam um pensamento machista ou mais opressivo quanto ao gênero. Há lugares, em que as divisões de papéis masculinos e femininos são muito nítidas.

### 3.3.3 A variável idade do falante

As línguas são elementos em movimento e em processo ativo constante, o que implica em transformações e mudanças no tempo e no espaço. Se as línguas variam no espaço e no tempo, temporalidade é algo fundamental no processo variacionista e ao falarmos em temporalidade incluímos o fator idade como determinante nessas mudanças. Dessa forma, percebe-se claramente, de acordo com os vários estudos realizados, que há diferenças perceptíveis nos grupos de falantes com faixas etárias distintas. Até mesmo em grupos de familiares, pais e filhos ou amigos próximos há diferenças no modo de falar. Cada falante elege como usuais os termos ou formas próprios de seu tempo, ou seja, em muitos casos permanecem as formas antigas e preferem estas às novas maneiras de expressões ou formas evoluídas da língua. É o que afirma Naro (1994, p. 82):

Os falantes adultos tendem a preferir formas antigas, criando uma situação estranha, pelo menos a primeira vista; existem pessoas que, apesar de estarem em interação constante (do tipo pai/filho), costumam falar de maneira distinta. Entretanto isso não chega a comprometer a comunicação, já que ambos os lados são capazes de utilizarem ambas as formas. Trata-se apenas de uma tendência em direção a uma ou outra forma. Com o correr do tempo é provável que a forma nova seja adotada por todos.

Outro fato curioso e interessante é que a idade linguística de um falante não corresponde, necessariamente, à sua idade cronológica, pois Naro afirma que a língua apresentada por um falante é calculada pela linguagem adquirida aos quinze anos de idade, isto significa que da realidade linguística de um falante atual devem ser subtraídos quinze anos de sua realidade etária. Por exemplo, uma pessoa de 60 anos apresenta a linguagem de apenas 45 anos atrás e não de sessenta e que, a partir da cristalização dessas formas linguísticas adquiridas, o falante compõe o seu repertório linguístico.

### 3.4 Critérios para descrição e interpretação dos dados

Para a descrição dos dados da presente pesquisa sobre o uso das variantes “mangueiro” e “mangueira” em referência à palavra curral, como lugar onde se recolhe o gado, usadas pelos peões de Nova Andradina e região, informantes estes que nos auxiliaram na execução da pesquisa ao concordar e ceder as entrevistas gravadas *in loco* que constituíram o nosso *corpus* de pesquisa com dados linguísticos sobre o falar local, usamos os métodos e critérios da Teoria da Variação Linguística, ou seja, da sociolinguística laboviana que trabalha com dados qualitativos e quantitativos.

Os dados são apresentados por meio de quadros em que se objetivou traçar o perfil socioeconômico de nossos informantes, para uma melhor compreensão dos resultados obtidos.

Os resultados estatísticos podem ser visualizados por meio de gráficos com os percentuais de uso das variantes em estudo.

Além das variantes “mangueiro” e “mangueira” presentes no *corpus* da pesquisa e usadas por nossos informantes são também destacados alguns outros fenômenos linguísticos que aparecem, com muita frequência no material linguístico coletado junto aos informantes, porém sem muito aprofundamento, uma vez que tais dados podem se transformar em materiais para futuras pesquisas.

Esses fenômenos linguísticos são tratados mais detalhadamente no item 4.2, capítulo IV, inclusive com exemplo selecionado da fala dos informantes, lembrando que estes fenômenos poderão ser assunto de novas e futuras pesquisas sobre o linguajar de comunidades rurais localizadas no estado de Mato Grosso do Sul e uma possível comparação com a fala de outras comunidades localizadas fora do estado.

## **CAPÍTULO IV- DESCRIÇÃO DOS DADOS E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS**

O propósito desta pesquisa é estudar o vocábulo “curral” e suas variantes linguísticas “mangueiro” e “mangueira” em que analisamos suas definições baseando-nos no dicionário *Online* Aurélio da língua portuguesa (2010), que assim define este vocábulo Curral: 1 Recinto descoberto onde se recolhe o gado. 2 Casa ou local imundo. 3 Cercado (nos rios) para reter o peixe.

Ao pesquisar a palavra “mangueira” verificamos que o dicionário traz a seguinte significação: 1 Gênero de plantas anacardiáceas cujo fruto é a manga. 2 Instrumento para malhar cereais, composto de dois paus ligados por uma correia. 3 Pau comprido e delgado do mangual.

Ao recorrer à palavra “mangueiro” encontramos a definição: 1 Peça cilíndrica acolchoada usada para passar a ferro mangas de vestuário. 2 Que é vivo de espírito e não se deixa enganar. 3 Que é teimoso, obstinado. 4 Que é lento.

Podemos inferir que, tudo indica que os vocábulos “mangueiro” e “mangueira” com o sentido em que buscávamos na pesquisa, ainda não foram dicionarizados, portanto, não consta dos dicionários da língua portuguesa consultados.

Para ter certeza de que tais vocábulos ainda não estão dicionarizados, com este significado, em particular, ampliamos nossas consultas ao dicionário Soares Amora (2003, p 188), que define Curral como: 1. Local onde se recolhe o gado. 2. Lugar imundo. Ainda conforme Soares Amora (p.443) A palavra “mangueira” é assim definido: 1. Tubo de couro, lona, borracha ou plástico para a condução de ar ou água; 2. Árvore frutífera, de origem asiática, que produz a manga.

Ao procurar a palavra “mangueiro”, verificamos que o dicionário também não aborda esta palavra, tampouco a sua significação para definir a acepção da palavra com a qual estamos trabalhando, ou seja, “mangueiro” e “mangueira” em referência a “curral”, isto é, ao local onde se recolhe o gado.

Recorremos a outras fontes de pesquisas ofertadas nas escolas, isto é, ao Dicionário Aurélio (2003, p.199) que traz o conceito de “curral” da seguinte maneira: 1. Lugar onde se junta e recolhe o gado. 2 armadilha para apanhar peixes. Mangueira: tubo de lona, borracha,

etc.; para condução de água ou ar.<sup>3</sup> Árvore anacardiácea de fruto saboroso. Ao pesquisarmos a palavra “mangueiro”, o dicionário Aurélio também não aborda esta palavra, tampouco a sua significação.

Diante das definições trazidas pelos dicionários pesquisados que são ofertados na escola para consulta por parte dos alunos, abordamos o fruto desse trabalho que comprova que a palavra “mangueiro” não aparece no léxico, mas é utilizada em comunidades rurais no município de Nova Andradina-MS e região. Portanto, tanto “mangueiro” como “mangueira” fazem parte do repertório linguístico de alunos e de seus familiares, porém não estão dicionarizadas com essas mesmas acepções usadas pelos informantes, ficando assim o professor sem o aporte teórico necessário para ministrar suas aulas e exemplificar o assunto explorando diferentes fontes de consulta. O que predomina, neste caso, é o uso diário pelos sujeitos, informantes deste estudo. Vejamos os exemplos a seguir:

- 1) “[...] a genti sofreu nessa **mangueira**...” (EMM/F/AL/75)<sup>3</sup>
- 2) “[...] in dia di chuva o **mangueiro** é um barro só...” (JAM/F/AL/65)

Por se tratar de vocábulos ainda não dicionarizados com significado que buscávamos pesquisar, isto é “mangueiro” e “mangueira” em referência à palavra currel, lugar onde se junta e recolhe o gado, acreditamos que este se trata de um estudo inédito e que, com certeza, trará subsídio e auxiliará professores de língua portuguesa das escolas de Nova Andradina e região que recebem, todos os anos, alunos oriundos deste meio rural e com um vocabulário tão peculiar, a perceberem a riqueza e as variações que a língua pode nos proporcionar. Porém, é necessário que trabalhemos tais variações com metodologias e pressupostos coerentes e específicos para o seu estudo. Portanto, nosso trabalho está embasado nos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação Linguística ou Sociolinguística Variacionista cujo precursor é o americano William Labov.

Sendo assim, o diferencial de nossa pesquisa está, justamente, no fato de ser um estudo inédito que aborda vocábulos específicos e característicos de um falar local e que pode servir de suporte teórico para futuros estudos sobre estes vocábulos na região pesquisada.

A seguir, apresentamos os resultados deste uso peculiar por meio de gráficos com demonstrativos gerais de todas as variantes estudadas, resultados e demonstrativos das variantes considerando o gênero do falante como influenciador do uso da língua, resultados e

---

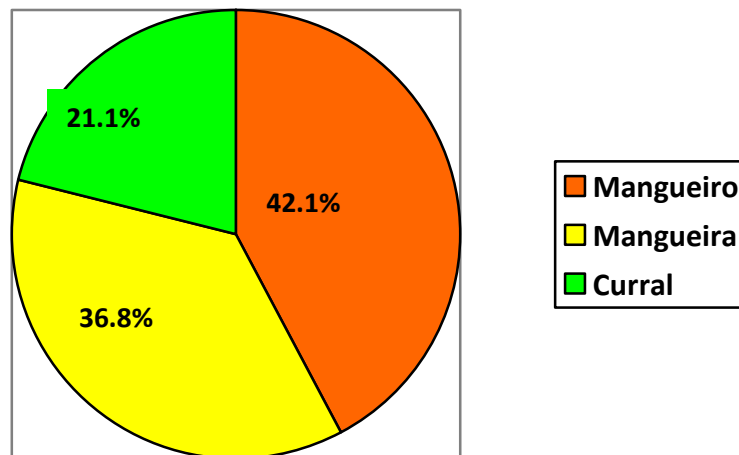
<sup>3</sup> A sigla EMM refere-se ao nome e sobrenome do falante, pertencente ao gênero feminino (F), com nível de escolaridade Alfabetizado (AF) e com 75 anos de idade.

demonstrativos das variantes, de acordo com o nível de escolaridade do falante e resultados com demonstrativos quanto à faixa etária dos falantes envolvidos na pesquisa, considerando que falantes de idades diferentes têm linguajar diferente e também usam vocábulos diferentes, haja vista a língua falada por pessoas da terceira idade que ser bem distinta daquela usada pelos mais jovens.

#### 4.1-Resultados e descrição das variantes linguísticas estudadas

Veja a seguir o gráfico elaborado de acordo com o objeto da pesquisa e que trazem os resultados numéricos dos dados estatísticos, os percentuais de uso do vocábulo curral e de suas variantes linguísticas “mangueiro” e “mangueira”, conforme utilizados pelos nossos informantes.

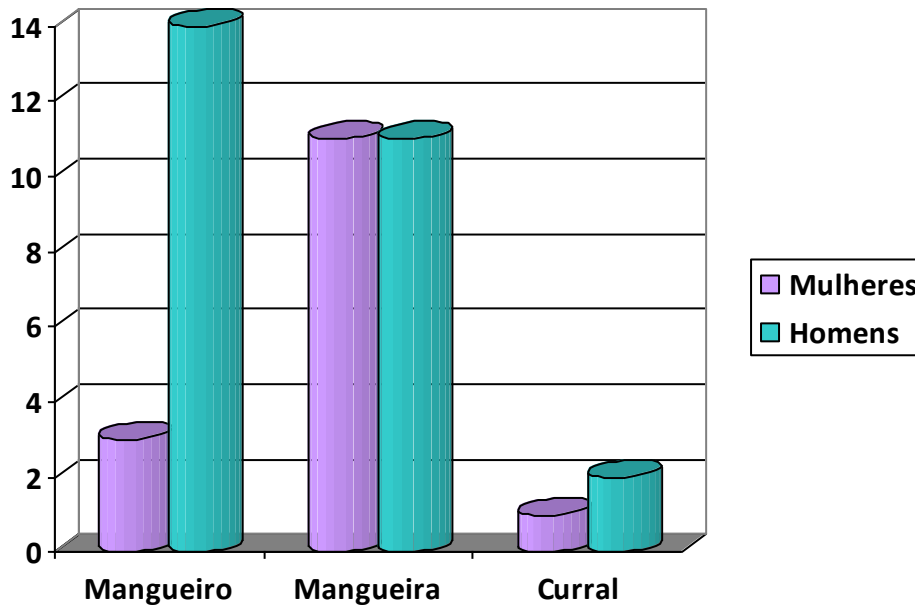
**Gráfico 1- Demonstrativo de uso da variável curral e de suas variantes “mangueiro” e “mangueira” - levantamento geral dos dados**



Os percentuais apresentados no gráfico 1 referem se ao uso das variantes estudadas na fala de nossos informantes em que observamos que de um total de 42 (quarenta e duas) ocorrências dos três vocábulos pesquisados, 42,1% foram da variante “mangueiro” para designar o local onde se prende o gado para a realização de atividades como vacinação, castrações, identificações e ordenhas. 36,8% das designações para o vocábulo “curral” foram realizados com a variante “mangueira”, e 21,1% informaram que “curral” é o lugar onde se prende o gado, mas que, às vezes, utilizam as variantes “mangueiro” ou “mangueira” que não estão dicionarizadas com este sentido, como pudemos verificar por meio de consulta aos dicionários da língua portuguesa, assim, acredita-se que se trata de uma inovação/variação em

curso naquela comunidade, em que tanto “mangueiro” como “mangueira” estão sendo usadas, no sentido de inovar o falar local.

**Gráfico 2 – Demonstrativo de uso da variável curral e suas variantes “mangueiro” e “mangueira”, de acordo com a variável gênero do falante**



O gráfico 2 representa os resultados da pesquisa, considerando a variável gênero do falante, em que a variante “mangueiro” foi a mais utilizada pelos homens do que pelas mulheres, em que é possível aferir uma inovação do vocábulo “mangueiro” referindo-se a curral, partindo da fala dos homens, corroborando com as ideias de Monteiro (2008, p. 75-76) no fragmento a seguir ao ressaltar que:

Nesse caso, serão os homens que as empregarão com mais frequência, devido ao conceito de masculinidade corrente em nossa cultura. A sociedade burguesa quase sempre espera que as mulheres utilizem uma linguagem mais polida, mais elegante, mais nobre. Dos homens tolera a linguagem rude, até obscena, ou mesmo distanciada da língua-padrão.

Acreditamos que a variante inovadora “mangueiro” tenha sido mais utilizada pelos falantes do gênero masculino do que do feminino, haja vista tratar-se também de um local (meio rural) onde ainda predomina o trabalho de peões do gênero masculino, porém, de certa forma, os índices deste cenário encontra-se em processo de transformação, haja vista o



número elevado de mulheres matriculadas em curso de agronomia, por exemplo, cenário que há pouco tempo era ocupado quase que exclusivamente por alunos do gênero masculino.

Quando se referiam à palavra “mangueira” nossos dados se contrapõem às ideias abordadas por Leite (2002, p.36-37) ao ressaltar que a geografia linguística rural vê o falar da mulher como conservador, enquanto a geografia urbana o vê como inovador:

Os estudos dialetológicos clássicos, por sua vez, tinham procurado mostrar que se por um lado as mulheres tendiam a manter traços arcaizantes, por outro aceitavam mais facilmente os neologismos, apresentando maior instabilidade na fala que os homens. Poderíamos resumir afirmando que, em geral, a geografia linguística, de base rural, vê a fala feminina como conservadora, enquanto a dialetologia urbana, pelo menos a dos grandes centros, a vê como inovadora.

Nossos dados, por sua vez, mostram que tanto os homens como as mulheres usaram ora o vocábulo “mangueiro” ora “mangueira” para se referir a curral, com predominância de “mangueiro” pelos homens.

Quando direcionamos nosso objeto de pesquisa à palavra “curral”, definida pelo léxico, como norma padrão, os homens a utilizam com mais frequência que as mulheres, e diante do exposto, neste contexto específico, nossos dados divergem da colaboração apresentada por Monteiro (2008, p.75), uma vez que em nossa pesquisa, o vocábulo “mangueira” foi usado por ambos os gêneros:

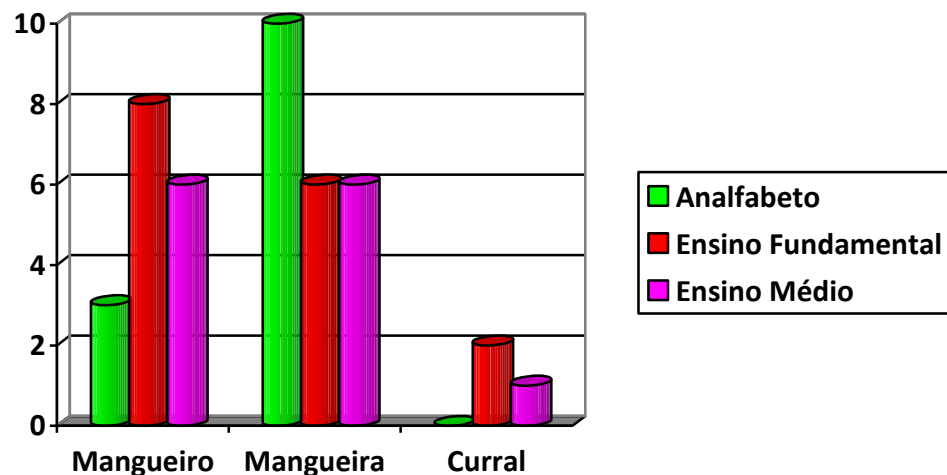
Homes e mulheres são socialmente diferentes no sentido de que a sociedade lhes confere papéis distintos e espera que utilizem padrões de comportamento também distintos. Assim sendo, a linguagem apenas reflete este fato social. E o que é o mais significativo: as mulheres, de acordo com muitas pesquisas já realizadas, costumam empregar, bem mais do que os homens, as formas que as normas gramaticais prescrevem como próprias da língua-padrão.

Vale ressaltar que esta forma diferente de falar de homens e mulheres é uma característica defendida por diferentes pesquisadores da língua, no Brasil e no mundo, em que é notório que ambos os gêneros se expressam de maneiras distintas, porém nossos dados divergem do “padrão”, por se tratar de uma comunidade rural, com características próprias.

Face ao exposto, levamos em consideração que quanto à variante “mangueiro”, há um forte indício, haja vista não ser entendido como uma mudança linguística, de se tratar de uma inovação linguística regional, conforme aborda Monteiro (2008, p.115):

Mas a propagação de traços linguísticos de uma área para outra não depende só da proximidade. Pode ocorrer devido ao domínio cultural, demográfico e econômico de uma cidade sobre outra e também devido à estrutura de sua rede de comunicação. Isto é, a distância de um fator de reconhecida importância na propagação de uma forma linguística, mas, em certos casos, a distância social é tão importante quanto à geográfica.

**Gráfico 3- Demonstrativo de uso da variável curral e das variantes “mangueiro” e “mangueira”, quanto à variável nível de escolaridade do falante**



De acordo com os dados extraídos da fala de nossos informantes, analisamos as ocorrências dos termos e tivemos os seguintes resultados: 5 (cinco) dos falantes eram analfabetos, ou seja, nunca frequentaram os bancos escolares, e o vocábulo mais utilizado por eles é “mangueira”, enquanto 3 (três) desses falantes inovaram ao pronunciar “mangueiro”. Nenhum dos informantes analfabetos utilizou o vocábulo “curral” em seu sentido denotativo, em que Bortoni-Ricardo (2011, p. 25) corrobora nossos resultados ao afirmar que a grande maioria dos falantes não alfabetizados tem acesso restrito ao padrão real da língua e ao seu uso como norma adquirida pela escola:

A grande amplitude constatada no diversificado repertório do português do Brasil é consequência das barreiras sociais que restringem o acesso de considerável parte da população ao padrão oral e escrito. Os falantes de variedades de pouco prestígio, a maioria dos quais não alfabetizados, tem acesso limitado ao padrão real e a seu uso como norma adquirida de referência para o emprego de variantes bem recepcionadas na sociedade.

Diante das informações contidas no gráfico, observamos que os nossos informantes que possuem o Ensino Fundamental utilizaram as três formas variáveis “mangueiro”, “mangueira” e “curral”. De acordo com a adequação na fala e na escolha de variantes linguísticas, Bortoni-

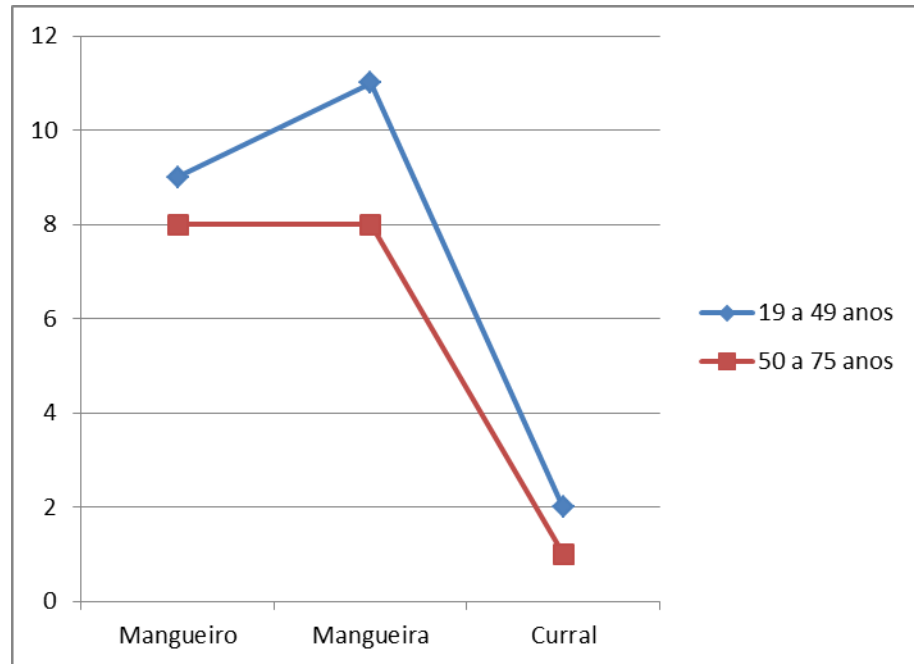
Ricardo (2008, p. 20) aborda que “a língua de uma comunidade é uma atividade social e, como qualquer atividade social, está sujeita a normas e convenções de uso”, lembrando que toda vez que uma ou mais pessoas se envolverem em uma interação verbal, irá criar uma expectativa sobre a forma como ela própria e seus interlocutores vão se comportar linguisticamente, o que, de acordo com o contexto, pode até causar o preconceito linguístico tratado por Bagno (2007), ou seja, caso o falante não adeque a sua forma de falar ao contexto de uso da língua.

Ao analisar os dados dos informantes do Ensino Médio observamos que 3 (três) dos informantes utilizaram a variável “mangueira”, enquanto 4 (quatro) fizeram referência à variante “mangueiro” e apenas 1 (um) informante utilizou a variável “curral”.

Diante do exposto, podemos inferir, assim como Votre (1994), que quanto maior o nível de escolaridade, maior as mudanças geradas na fala e na escrita das pessoas que frequentam a escola e, conseqüentemente as mudanças discursivas também são acentuadas, além de ser acentuada também a probabilidade das pessoas que tiveram oportunidade de frequentar o ensino formal, ao falarem, se aproximarem, com mais frequência, do padrão linguístico da língua.

Diante do exposto observamos que a maneira como os peões desempenham as suas funções na lida diária com o gado é imprescindível o uso das variantes linguísticas “mangueiro” e “mangueira” em referência ao vocábulo curral, por se tratar de uma lida constante em que as pessoas ficam em contato direto com o contexto e as palavras vão se adequando e se moldando ao contexto de uso da fala para atender às necessidades reais dos falantes no processo da comunicação linguística.

**Gráfico 4 – Demonstrativo de uso de “mangueiro”, “mangueira” e curral, quanto à variável faixa etária do falante**



Conforme exposto no gráfico 4, analisamos as variações de acordo com a faixa etária dos falantes baseando-nos nas informações prestadas pelos nossos falantes. Observamos que os informantes de 19 a 49 utilizaram as variantes “mangueiro” e “mangueira”, confirmando a nossa hipótese de que os jovens são os que mais inovam na linguagem corroborando as ideias de Labov (p.76). Enquanto na outra faixa, isto é, dos falantes de 50 a 75 anos de idade, observa-se que há certo equilíbrio nos usos das variantes. Pessoas com mais idade tendem a ser mais conservadoras no uso da linguagem, o que comprova o quantitativo maior no uso do conceito dicionarizado da palavra “curral”.

Partindo dessa perspectiva, conforme, Naro (1994) e Bueno (2003), as pessoas mais velhas tendem, geralmente, a conservação, em sua fala, de vocábulos mais arcaicos, porque têm menos contato com as mudanças e inovações que surgem, a todo momento, na realidade que as rodeia, do que as pessoas mais jovens, o que também foi corroborado pelos nossos dados com informantes da comunidade de fala de Nova Andradina.

#### **4.2-Resultados e descrição das variáveis sociais nas falas dos informantes**

O objetivo desta pesquisa foi descrever e analisar a fala dos peões nas comunidades rurais do município de Nova Andradina-MS e apresentar os fenômenos linguísticos e

extralinguísticos que podem condicionar o falar local e, conseqüentemente, condicionar o uso das variantes “mangueiro” ou “mangueira” para se referir ao local onde se recolhe o gado.

Para obter os resultados esperados, entrevistamos moradores nascidos ou residentes há mais de 20 anos no município, e, com base nesses dados analisamos a variação ocorrente na palavra “curral”, presentes na fala dos informantes, considerando os fatores sociais, gênero, faixa etária e nível de escolaridade como possível influenciadores desse uso pelos falantes.

Os dados apresentados em relação ao gênero corroboram os resultados citados na fundamentação teórica que nos embasaram para trabalhar questões de gênero. Partindo do primeiro princípio, os homens tiveram o maior índice de variações do que as mulheres no caso da palavra “mangueiro”, corroborando as ideias de Labov (1972). Ao trabalharmos a variável “mangueira”, evidenciamos que ambos apresentaram resultados semelhantes com relação ao seu uso.

No último aspecto estudado, ou seja, com relação à palavra “curral”, nossos dados corroboram as ideias apresentadas por Monteiro (2008, p.75) de que as mulheres são, extremamente, sensíveis às formas de prestígio, e que o homem está, mais favoravelmente, propenso ao uso de formas não padrão do que a mulher. Nesse dado, em especial, os homens utilizaram a norma padrão com mais rigor e as mulheres ficam com a inovação.

Quanto ao fator faixa etária, devemos levar em conta o fator tempo, isto é, que as línguas mudam com o passar dos tempos, e as mudanças se manifestam na fala de todos os indivíduos de diferentes faixas etárias. Os resultados de nossa pesquisa demonstram que os informantes mais jovens usaram mais as variações, comprovando assim que os falantes mais jovens são os que mais inovam no uso de um determinado fenômeno linguístico, com o objetivo de facilitar a comunicação linguística e de marcar o modo de falar de seu grupo social, além de marcar uma identidade própria para o grupo ao qual pertence.

Com relação à variável social nível de escolaridade do falante, classificamos nossos informantes em analfabetos e alfabetizados, e de um modo geral, observamos que todos, em sua maioria utilizam as variantes linguísticas “mangueiro” e “mangueira” e têm conhecimento da palavra de acordo com a definição trazida pelo léxico e que usam as variantes por serem “mais fáceis” e por facilitar a comunicação entre os demais peões, além de marcar a fala do grupo, Preti (2000).

Diante dos aspectos abordados em nossa pesquisa, se torna relevante e necessário descrever outras variáveis linguísticas encontradas em nosso objeto de estudo e que seu estudo mais aprofundado fica para uma posterior pesquisa.

A variação fonológica no português falado no Brasil tem sido pesquisada por diferentes estudiosos da língua como Bisol (2009), por exemplo, com o objetivo de traçar um panorama dos estudos realizados nas diferentes regiões do país, inclusive o presente estudo com alunos peões de Nova Andradina e região em que foram encontradas, no *corpus* da pesquisa apresenta outros fenômenos fonológicos, tais como:

a) alçamento de vogais pretônicas, como as realizações m[i]nimo, melh[u]ria, p[i]queno:

Ex. 3) “[...] nós [i]scutava o miado d[i] uma onça..... nossa..... eu tr[i]mia... daqui um pocu... [i]scutem[u] um barulh[u] nas foia e o mugido... [...] aí meu pai arrumo a espingarda.... mirou n[u] rumo dela.... [...] a espingarda véia faio.... a sorte que [u]s m[i]n[i]nu tava preparado.....”<sup>4</sup> (CLA/F/AL/35).

b) elevação de vogais postônicas finais e não finais, como bol[u], lev[i], núm[i]ro, côm[u]do:

Ex. 4) “[...] [u]s m[i]nim[u] acerto..... el[i]s n[u]m qu[i]ria mata a onça.... mais tiveram que mata pra n[u]m morre.... naquele dia nó[i]s vim[u] a mort[i] bem na nossa frente... esse foi o maió susto que já levei desde qu[i] nasci.....”<sup>5</sup> (CLA/F/AL/35).

c) apagamento da vogal postônica não final, como em abób[∅]ra, vésp[∅]ra.

d) redução dos ditongos nasais átonos, como em home[∅], órg[u]:

Ex. 5) “[...] veio uma ventania.... aí lá longe no riu eu vi um homi[∅] nu meu d’água cum chicoti na mão...”<sup>6</sup> (PSS/M/NA/45<sup>7</sup>).

e) redução do /r/ final em formas verbais de infinitivo e na posição final em substantivos e adjetivos, como em levá[∅], plantá[∅], comé[∅], morré[∅], flo[∅], mio[∅].

f) epêntese vocálica em grupos consonantais, como em p[i]neu, ad[e]vogad[u].

4 “[...] nós escutávamos o miado de uma onça..... nossa..... eu tremia... dai a pouco... escutamos um barulho nas folhas e o mugido... ai meu pai arrumou a espingarda.... mirou no rumo dela.... [...] a espingarda velha falhou.... a sorte que os meninos estavam preparados.....” (CLA/F/AL/35).

5 “[...] os meninos acertaram (a onça).... eles não queriam matar a onça.... mais tiveram que matar para não morrer.... naquele dia nós vimos a morte bem na nossa frente... esse foi o maior susto que já levei desde que nasci.....” (CLA/F/AL/35).

6 “[...] veio uma ventania.... aí lá longe no rio eu vi um homem no meio da água com um chicote na mão...”<sup>6</sup> (PSS/M/NA/45).

7 A sigla PSS corresponde ao nome e sobrenome do falante, pertencente ao gênero masculino (M), com nível de escolaridade Não Alfabetizado (NA) e com 45 anos de idade.

- g) variação das consoantes líquidas finais e não finais, como em sa[w]gado (salgado), Brasi[w] (Brasil).
- h) variação de oclusivas dentais /t/ e /d/ diante de [i] como em palavras com *tia* e *dia*.
- i) monotongação dos ditongos decrescentes, como em pe[j]xe (peixe), co[j]ro (couro):

Ex. 6) “[...] quando cumeçô a tardi.... arrumei minhas traia di pesca... parti lá pra barranca du rio.... quando cumeçô a iscurecê... eu num sei por que... mais eu comecei a senti uns arripiu... pensei cumigu.... será qui eu tô cum febre.... mais sai di casa tão bom.... e as hora foi si passando... i naquela noite.... pe[j]xe que é bom eu não pescava...”<sup>8</sup> (PSS/M/NA/45).

- j) Ditongação em contextos seguidos por sibilantes, como em fa[j]z (faz), de[i]z (dez), me[j]s (mês), ter[j]s (três), nó[j]s (nós):

Ex. 7) “[...] nó[j]s estudava lá em Nova Andradina.... naqueli tempu tinha tre[j]s iscola bem grandi lá.... todumundu estudava lá...”<sup>9</sup> (CLA/F/AL/35).

- 8) “[...] aqui nessa fazenda nó[j]s fa[j]z di tudo tamém.... i nó[j]s ainda tem as criança... manda pra escola... ajuda nas tarefa diária e ainda fa[j]z o serviçu da casa.... fa[j]z queju.... mais a genti vivi bem aqui...”<sup>10</sup> (RCS/M/AL/31).

- k) Palatização de /lh/ em [i], como em ve[j]a (velha), fa[j]o (falhou), traba[j]á (trabalhar):

Ex. 9) “[...]a espingarda vé[j]a fa[j]o....”<sup>11</sup> (CLA/F/AL/35).

- 10) “[...] aprendi a traba[j]á no campo cum meus pai.... i gostava di fica traba[i]ando especialmente na manguera.... i eu agora fico sozinha no sítio.... meu maridu dirigi o ônibus escolar.... aí u serviçu cum gadu fica pra mim.... porque eli traba[j]a cum u ônibus até di noiti....”<sup>12</sup> (MOM/F/AL/50)

---

8 “[...] quando começou a tarde.... arrumei minhas tralhas de pesca... parti lá para a barranca do rio.... quando começou a escurecer... eu num sei por que... mais eu comecei a sentir uns arrepios... pensei comigo.... será que eu estou com febre.... mais sai de casa tão bom.... e as horas foram passando... e naquela noite.... peixe que é bom eu não pescava...” (PSS/M/NA/45).

9 “[...] nós estudávamos em Nova Andradina.... naquele tempo tinham três escolas grandes lá.... todos estudavam lá...” (CLA/F/AL/35).

10 “[...] aqui nessa fazenda nós fazíamos de tudo também.... e nós ainda tínhamos as crianças... mandávamos (elas) para a escola... ajudávamos nas tarefas diárias e ainda fazíamos o serviçu da casa.... fazemos queijos.... mais a gente vive bem aqui...” (RCS/M/AL/31).

11 “[...] a espingarda velha falhou....” (CLA/F/AL/35).

12 “[...] aprendi a trabalhar no campo cum meus pais.... e gostava de ficar trabalhando, especialmente na mangueira.... eu agora fico sozinha no sítio.... meu marido dirige o ônibus escolar.... aí o serviçu com gado fica para mim.... porque ele trabalha com o ônibus até à noite....” (MOM/F/AL/50).

Vale ressaltar que este fenômeno linguístico chamado de palatização, que consiste na transformação do /lh/ em [i] é uma tendência natural na língua falada nessa comunidade, bem como na língua faladas em diferentes regiões do país.

Além desses fenômenos fonológicos, outros fenômenos linguísticos também estão bastante presente na fala dos nossos informantes e, especialmente, no nosso *corpus* de pesquisa e que também merecem destaque. São eles:

l) A concordância nominal de número, do tipo:

- Sintagmas Nominais (SNs) com todas as marcas formais de plural

Ex. 11) “[...] sou moradora neste sítio há quarenta e sete anos.... aqui já **moraram meus sogros... minha cunhada... todos já falecidos.... meus filhos e meus netos....**” (MOM/F/AL/50).

- SNs com algumas marcas de plural

Ex: 12) “[...] **us mininus mais novu[☉]** nasceu tudu aqui nessa fazenda....”<sup>13</sup> (CLA/F/AL/35).

- SNs com apenas uma marca de plural

Ex: 13) “[...] **umas vaca[☉] poquinho[☉]** assim nós tinha naquela tempu... meu pai tirava u leiti delas pra nós bebe....”<sup>14</sup> (CLA/F/AL/35).

- SNs contendo um numeral como primeiro elemento constituinte do SN

Ex: 14) “[...] naquela época aqui em Nova Andradina tinha **treis iscola[☉] bem grandi[☉]** aqui....”<sup>15</sup> (CLA/F/AL/35).

m) marcadores discursivos do tipo *aí?*, *né?*, *entaum?*, *entendeu?*, *sabe?*, *agora* e outros.

---

13 “[...] os meninos mais novos nasceram todos aqui nessa fazenda....” (CLA/F/AL/35).

14 “[...] umas poucas vacas nós tínhamos naquele tempo... meu pai tirava o leite delas para nós bebermos....” (CLA/F/AL/35).

15 “[...] naquela época aqui em Nova Andradina tinham três escolas grandes....” (CLA/F/AL/35).



- n) Metaplasmos por subtração do tipo síncope, que consiste na redução de um fonema no meio da palavra como em: tamém (também), memu (mesmo), trabaíá (trabalhar) e outros.

Considerando que se trata de uma pesquisa sobre o falar de uma comunidade de fala específica, isto é, de peões oriundos de comunidades rurais, em que é comum o uso de variantes linguísticas como “mangueiro” e “mangueira” para se referir a curral, local onde se reúne o gado para a execução de diferentes atividades diárias como: curar bicheiras, realizar as vacinações anuais entre outras, acreditamos que fez-se necessária a descrição desses demais elementos linguísticos presentes na fala desses informantes, cujo objetivo é demonstrar que a língua é dinâmica e está em constante processo de transformação, pois segundo Bisol (2009) estes fenômenos linguísticos também são verificados no falar em outras regiões do país, o que torna a língua ainda mais rica e aguça a curiosidade do pesquisador sociolinguista para a realização de pesquisa dessa natureza.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa demonstrou a importância de se reconhecer a realidade linguística e social dos falantes de uma determinada comunidade de fala e de um dado código linguístico, pois quando entendemos a história que leva uma região a ser como ela é, aprendemos a respeitar e valorizar os seus hábitos, seus costumes e a cultura daquele povo, sem discriminar a comunidade pela sua forma característica de fazer uso de certas expressões e vocábulos peculiares ao falar local. Além de que é importante compreender o seu *modus vivendi*, e a sua forma de envolvimento com a vida diária da fazenda. Acredita-se que o estudo contribui também para o nosso conhecimento enquanto pesquisadora e para os estudos sociolinguísticos, que têm por meta analisar a língua e o modo como ela é utilizada no meio social onde o falante está inserido.

Além disso, sentimos a necessidade de elaboração e construção de um dicionário de termos regionais, considerando o léxico como expressão da cultura e identidade dos falantes das comunidades do município de Nova Andradina, bem como o aprofundamento em pesquisas relacionadas ao léxico, considerando que a língua se renova a cada dia. E essa renovação/transformação é necessária para atender às necessidades dos usuários desse código linguístico, pois a língua, acima de tudo, é o meio que utilizamos para a transmissão de conhecimentos e para expressar a cultura, os hábitos e costumes da região, lembrando que essa pode ser uma pesquisa a ser realizada futuramente.

Não há dúvida de que a língua é dinâmica, por ser o grande instrumento da interação humana. Essa dinamicidade concentra-se, especialmente, no nível lexical, sistema aberto propício a constantes ampliações, com vistas a facilitar a comunicação, uma vez que o léxico sintetiza o modo como os falantes veem a realidade ao seu entorno, deixando transparecer valores, crenças, hábitos e costumes de um determinado grupo social, e nele são percebidas a organização e as transformações sociais, econômicas e culturais da sociedade.

Frente a atitude linguística de nossos informantes, quanto as variáveis curral, mangueiro e mangueira, pude observar que eles abordam de uma maneira natural, tem conhecimento das outras variáveis utilizadas em outras comunidades de fala, do conceito definido pelo léxico, e no entanto a utilizam para facilitar a comunicação no meio em que vivem, e até mesmo para falar a mesma língua.

Para o ensino de Língua Portuguesa em sala de aula, inferimos que cabe ao professor apresentar o léxico ou a norma padrão, a forma como ela é trazida para a escola pelos alunos oriundos do meio rural e apresentada como uma variedade da língua em seu meio social. Portanto, cabe ao professor fazer com que o aluno não perca a sua essência linguística e o seu repertório e pode, inclusive, aproveitar essa forma característica de falar dos alunos em sala de aula para enriquecer suas aulas ao trabalhar as diversidades linguísticas existentes no português local e no português falado nas diferentes regiões do país, explicando aos alunos que existem diferentes formas para dizer a mesma coisa e que podem apresentar o mesmo sentido e, principalmente, que devemos respeitar as particularidades linguísticas das comunidades.

Explicar aos alunos, por exemplo, que os vocábulos “mangueiro” e “mangueira” não estão dicionarizados com o sentido de *curral*, ou seja, de lugar onde se recolhe o gado para realizar diferentes atividades como: aplicar vacinas, curar feridas, entre outras, mas que estes vocábulos são utilizados com esse significado, pelos falantes da região, de modo especial, aqueles falantes que têm uma vivência relacionada, diretamente, ao meio rural e à lida diária nas fazendas, além disso, esse modo de falar deve ser respeitado, pois caracteriza toda uma comunidade.

Diante dos resultados decorrentes das análises dos dados da fala de nossos informantes ficou evidente que existem fatores históricos, geográficos, linguísticos e sociais que atuam ou influenciam a fala da comunidade, no sentido de contribuir para que os falantes utilizem um determinado vocábulo em detrimento de outros. E o uso efetivo de um(a) dado(a) expressão ou vocábulo pode caracterizar o falar daquela região e as peculiaridades de cada falante. Assim, é possível evidenciar que os falantes têm capacidade para identificar as características específicas da linguagem de outros falantes e da comunidade ou do grupo ao qual pertence.

Outro ponto importante a se considerar é que as áreas rurais brasileiras vêm passando por modificações, deixando a vida simples e humilde da roça. A independência feminina, por meio de sua inserção no mercado de trabalho, tem mostrado que os padrões de fala da mulher e do homem podem não estar mais tão distintos, como outrora, uma vez que, atualmente, é comum homens executarem tarefas que antes eram executadas apenas por mulheres e vice versa, é a chamada igualdade de gênero tão almejada pelos grupos e defensores das bandeiras de direitos iguais para todos, independente do gênero, da raça, e da etnia.

Assim, acreditamos que este estudo vem somar a outros estudos realizados na vertente da sociolinguística variacionista realizados no Brasil que fundamentam suas pesquisas no processo de transmissão linguística “irregular”, ou no desvio linguístico, afirmando que, com

o passar de tempo, essas variações e mudanças podem levar até mesmo ao surgimento de uma nova língua portuguesa ou produzir mudanças tão significativas na estrutura da língua, a ponto de gerações futuras encontrarem dificuldades para compreender o modo de falar das gerações passadas.

Esta hipótese aproxima-se de nossos dados, pois se ajustando à história sociolinguística da formação da língua portuguesa falada no Brasil, este contato do português com outras línguas sejam africanas, indígenas e europeias, não chegou a produzir outra língua, mas promoveu uma série de mudanças no português falado no país, sobretudo naquela modalidade da língua falada pelas camadas menos favorecidas da população, que têm um acesso bastante restrito à educação formal transmitida pela escola e aos bens culturais da sociedade, de modo especial, as populações das zonas rurais que são as que mais sofrem preconceitos devidos a seu modo característico de falar.

Finalmente, com relação ao ensino de Português aos alunos oriundos da zona rural, esperamos que este ensino progrida, apoiando-se no respeito às variedades linguísticas existentes no país e adaptando-se à realidade dos alunos, para que se torne mais atraente e produza falantes e leitores capacitados, providos de uma visão crítica e de um olhar transformador da sociedade na qual está inserido.

## REFERÊNCIAS

- ALKMIN, Tânia. Sociolinguística. In: MUSSALIN, Fernanda e BENTES, Anna Cristhina. *Introdução à linguística* 1. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2004.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2007.
- BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. – São Paulo: Parábola, 2007.
- BISOL, LEDA *et alii*. *Português do Sul do Brasil: variação fonológica*. Porto Alegre: Editora da PUC/RS, 2009.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em Língua Materna: a Sociolinguística em sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola, 2008.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola, 2011.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Stella Maris. *Nós chegemos na escola e agora? Sociolinguística e educação*. São Paulo: Parábola, 2005.
- BRASIL-*Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental: (PCNS)*, 1999.
- BRIGH, William. Dimensões da sociolinguística. In: FONSECA, Estela e NEVES, Moema. *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1978.
- BUENO, Elza Sabino da Silva Bueno e BARBOSA, Jefferson Machado. Aspectos semântico-lexicais do vocabulário de curandeiros radicados na fronteira de Aral Moreira-MS-um estudo sociolinguístico. In: SOUZA, Antônio Carlos Santana e PINTO, Maria Leda. *Produções de texto oral e escrito: estudos e pesquisas da pós-graduação*. Curitiba: Appris, 2014, p.147-168.

BUENO, Elza Sabino da Silva Bueno & SAMPAIO, Emílio Davi. A monotongação do ditongo no português falado em Dourados. In: *Estudos da linguagem e estudos de literatura*. Dourados: Ed. UEMS, 2009.

BUENO, Elza Sabino da Silva Bueno. *Nós, a gente e o boia-fria – uma abordagem sociolinguística*. São Paulo: Arte e Ciência/Dourados-MS: UEMS, 2003.

CAMACHO, Roberto Gomes. *A variação linguística*. In: SÃO PAULO. *Secretaria de Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. Subsídios à Proposta Curricular de Língua Portuguesa para os 1º e 2º graus: coletânea de textos*. São Paulo: SE/CENP. 1998, v.i., 53-9, p.29-41.

COULTHARD, Malcolm - *Linguagem e sexo* (tradução de Carmen Rosa Caldas-Coulthard). São Paulo: Ática. 2001.

ELIA, Sílvio. *Sociolinguística – uma introdução crítica*. São Paulo: EDUSP, 1987.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística Histórica*. São Paulo: Parábola, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário online da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

FONSECA, Maria Stella Vieira da e NEVES, Moema Facure. *Sociolinguística*. São Paulo: Eldorado, 1974.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

HORA, Demerval da. (org.). *Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa – PB: ILAPEC, 2004.

<http://www.dicionariodoaurelio.com/> google-analytics> Acesso em 14/01/2014.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (29 de novembro de 2010). Censo Populacional de 2010. Visitado em 22 de maio de 2015.

ISQUERDO, Aparecida Negri e OLIVIERA, Ana Maria Pinto Peres de. *As ciências do lexico*. Lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande: UFMS, 2001.

LABOV, William. (1972). *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. [Padrões Sociolinguísticos.] Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LABOV, William. The social history of sound change on the island of Martha's Vineyard, Massachusetts. Master's essay. Columbia University, 1962.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

LE PAGE, Robert B. Projection, Focursing and Diffusio. York Papers in Linguistics. 1980.

LEITE, Yonne e CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. ed., 2002.

MARTELOTTA, Mário Eduardo *et alli*. *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.

MARTINS, José Firmino. *Geografia de Nova Andradina*. Nova Andradina-MS: Editora e Gráfica Cristo Rei, 2015.

MENEZES, Maria Cecília Oliveira. *Variação Linguística: análise de uma comunidade de São Sebastião DF*. Brasília – DF, 2007 – (Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Católica de Brasília).

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luísa. *Introdução à Sociolinguística - tratamento da variação*: São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, José lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.

NARO, Julius Anthony. Idade. In: MOLLICA, Maria Cecília e BRAGA, Maria Luísa. (orgs). *Introdução à sociolinguística – O tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

NARO, Julius Anthony. Idade. In: MOLLICA, Maria Cecília. *Introdução à sociolinguística variacionista*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994. (Cadernos didáticos da UFRJ).

PAIVA, Maria das Graças. Sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília. *Introdução à sociolinguística variacionista*. Cadernos didáticos da UFRJ. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

PAULSTON, C.B.; TUCKER, G.R. History of sociolinguistics: introduction. In: *Sociolinguistics: the essential readings*. Malden: Blackwell Publishing, 2003.

POSSENTI, Sírío. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas – SP: Mercado de Letras, 1996.

PRETI, Dino. *Sociolinguística: Os níveis de fala*. São Paulo: Edusp, 2000.

SAPIR, Edward. *Linguística como ciência*. Trad. Joaquim Mattoso Câmara Junior. Rio de Janeiro: Acadêmica, [1929] 1969 p. 43-62.

SHUY, R.W. A brief history of American Sociolinguistics 1949-1989. In: PAULSTON, C.B.; TUCKER, G.R. (Eds.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Malden: Blackwell Publishing, 2003. p. 4-16

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1989.

SOARES, Amora. *Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva. 2003.

SOARES, Magda. Alfabetização: A (des)aprendizagem das funções da escrita. *Educação em Revista*, 8: 16-23, 1989.

SOUSA, Rosineide Magalhães de. A Sociolinguística na Formação Docente. In: FÉLIX, Jose d’Arc Batista. (Org.). *Aprendendo a aprender*. UniCEUB - Faculdade de Ciências da Educação- Guia de Formação para Professores das Séries Iniciais – Convênio com a Secretaria de Educação GDF, 2005.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2007.

VOTRE, Sebastião. Escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília. *Introdução à sociolinguística variacionista*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994. (Cadernos didáticos da UFRJ)



**ANEXOS – Modelo de questionário sociolinguístico, normas para transcrição das entrevistas e entrevistas com informantes residentes em Nova Andradina-MS e região**



**Anexo B** - Ficha social do informante**1) A- Dados do Informante.**

Nome Completo \_\_\_\_\_

Apelido \_\_\_\_\_

Sexo \_\_\_ Idade \_\_\_ Estado Civil \_\_\_\_\_

Local de Nascimento \_\_\_\_\_

**B - Grau de Instrução.**

Analfabeto ( )

Primário Incompleto ( )

Primário Completo ( )

Ensino Médio Incom.( )

Ensino Médio Compl.( )

**C – Domicílio.**

Há quando tempo você vive na comunidade (Comunidade tia Eva, Guiné Bissau)?

\_\_\_\_\_

e você veio de qual cidade e Estado? \_\_\_\_\_

**2) Dados dos pais ou do Cônjuge.**

Naturalidade do pai \_\_\_\_\_

Naturalidade da mãe \_\_\_\_\_

Naturalidade do Cônjuge \_\_\_\_\_

Profissão do pai \_\_\_\_\_

Profissão da mãe \_\_\_\_\_

Profissão do cônjuge \_\_\_\_\_

**3) Dados do Inquérito.**

Local da Entrevista \_\_\_\_\_

Data da Aplicação \_\_\_\_\_

Assinatura do Inquiridor \_\_\_\_\_

Duração do Inquérito \_\_\_\_\_

**4) Outras observações importantes.**


---



---



---



---



---



---

## ANEXO C – Norma para transcrição das entrevistas

Ocorrências	Sinais	Exemplos
Incompreensão de palavras ou segmentos	( )	num vortava mai num tinha dinheru ( ) i a genti guentô
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	us mininu tãu aí... um trabaia de motoris otru (trabaia) pur conta
Trucamento de palavras	/	i quanu mesmu era PA nós ca/nóis da us nomi
Entonação enfática	Maiúscula	trabaiei aTÉ casá
Prolongamento de vogais e/ou consoantes	:: ou :::	u donu mesmu era::: isqueci u nomi deli...ah:::achu qui é antonhu
Silabação	- - -	a genti cresceu me-dron-ta-du dus pais
Interrogação	?	pu cê vê comu era u pessoar di antigo pra agora né?
Comentários do transcritor	((minúscula))	((risos))
Comentário que quebra a sequência da exposição do tema	- - -	a genti – nói somu crenti - - a genti si viu i gosto
Sobreposição de vozes ou entrada indevida	[	A. pra::: ficá lisinhu B. [a pu chãu ficá.. A. [parei B. pareinhu pa prantá

## OBSERVAÇÕES:

- 1- Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou siglas.
- 2- Números: transcrevem-se por extenso.
- 3- Não se usa ponto de exclamação.
- 4- Início de frase: usam-se letra minúscula.
- 5- Registram-se as pronúncias do e e do o como realmente são pronunciados.
- 6- Nada se corrige na transcrição do texto gravado.

(Adaptações Projeto NURC/SP) Prof. Pedro Caruso



mundo dos sítios i das fazenda e levava pra la...i comu já ti falei era difici...naum qui oji ta melhor... eu inda to aqui com os veios (...)

INF: meus irmão já casaru tudo...ainda mexi cum gadu...mais cada um no seu cantu.. mas pai criou a genti cum a roça... disbravo o matu na foice... ele prantava di tudo pra genti cume... arroiz...feijão...mandioca...batata docí...e tinha umas vaca...pouquinha naqueli tempo...mais tinha...ele tirava o leitím delas pra nós bebê...ia pra mangueira bem cedim...purque tinha que i pra roça antis do sol fica forti...sinão ninguém guentava o calor... oji eu que ajudo os pião lidá cum o gadu...mas num pegu no pesado naum...só do as ordi... purque si eu enfrenta o pai qué tamem...intaum.. pur causa deli eu evito...eli num tem mais idade pra lida naum... o gadu ta faci de lidá... elis traiz pra li... põe la... purque tamem fizemu um negociu ai...dexamu só boi...tem umas vaca.. mais é poca... o boi é faci di lidá (...) é so trazê ali dá vacina... e pronto...não tem muito nhem nhem...e já a genti vendi eli...







trabaia cum o ônibus até dinoiti...mais eu já acostumei com isso...us mininu cada um tem a sua vida...tao tudu na cidade...us neto tao na iscola... mais só vem aqui fim di semana... da uma passadinha e vai imbora...os fio do meu fio mais veio... são di cidadi... num acostumaram com essa vida...intaum sobra é prus veio mesmu...

**ENTREVISTA - INFORMANTE 04**

NOME: RCS

SEXO: M

IDADE: 31

NASCIMENTO: 24/01/1983

PAIS: Sulistas

NÍVEL DE ESCOLARIDADE: Ensino Médio completo

DOCUMENTADOR: Silmara Silveira Lemes Sampaio de Queiróz

INF: óia... eu vim pra cá... faiz novi anos... atrás... quandu recebi uma parti... dessa fazenda di herança...mais meus pais já moraram... aqui...ha muito tempo atraiz...i agora vim tomá conta di tudo... morei cum meus pai... e irmãs no Sul... até meus 20 ano... di idade... sempri na área rural... i sempri istudei também... haaaa...fiz só o sigundo grau... istudei nu colégio agrícola... porque já tava nessi ramo... desdi muito cedo... i é u qui eu gosto di faze... certo dia... aqui... já morando nessa rigião... logo que me mudei...aqui pra fazenda... nós fomo vaciná... u gado... trazemu pru mangueiro... e (...) tinha uma vaca arredia...i a bicha tinha uns chifri grandi... vixi... pensa nu trabaio... que essa vaca deu ... ela escapou... i enfrentou... um dus nossus impregado... u Zé... que ajudava na abertura da porteira... u coitado... levou uma chifrada... dessa vaca doida na barriga... saiu aqueli mundu di sangue moça... i eu comu era meu novo... i nunca tinha visto nada disso na minha vida... fiquei paralisado... daí os outro rapaiz... conseguiram um jeito de chama socorro... mas demoraram chega...vixi... pra chegar...muito... porque num era perto a fazenda... enquanto isso... u coitadu perdia sangue... i passava dor... i curria risco di vida... taa loco... aqueli dia assustamu dimais...hoji...eu penso qui so meio desgarrado...da minha família... dus meus pai né?...porque eu acho que ainda so novo... quando vim pra ca era bem novu.... e já tinha responsabilidade... já incabeçava isso aqui...e o véio só cobrava si tudo tava indu bem... intuam eu sai di casa cedo...i isso feiz cum qui mi afastassi um poco delis...mas foi bão... sinão eu tinha virado porqueira(...) na minha infância... nunca fui minino de brinca... in rua...andá di bicicleta... jogá bola... meu negoço era cavalo e trabaia...ajudá u pai... gostava di andá di cavalo...bão(...) ai quando eu vim pra cá...logu mi casei...cum genti daqui da redondeza mesmu... muié boa... trabaia... ajuda dimais eu...sem ela vo fala pro cê hein?... num dava naum... oia que

essa muié pisa miúdo... aqui nessa fazenda... mas faiz di tudo tamem... i nós ainda tem as criança... que ela lida... manda pra iscola...ajuda na tarefa... e ainda faiz o serviço di casa...faiz queijo(...) mais a genti vivi bem aqui... trabaia dimais... mais todú ano eu faço questão... di viaja cum elis... essi anois vai nu Beto Carrero... vou leva elis la quei a genti podi dexa prus fi é isso... educação... respeito...e princípios... pra forma um homi bão...porque a criminalidade i u qui num presta... vem buscá na porta da genti...e leva u fio da genti... brincanu...



bebe...tinha criançada tudu pequena...oh:::...tempinho hein?... mais passou...ai... comprei mais vaca...cumecei tirá o leiti pra vende... as vaca começo a aumenta...é trabaioso...mais é um dinherim certu... qui pode conta cum eli...ai meu minino ajudava eu na mangueira... ai ele casô... mudou pra cidadi... i eu fiquei sozinho... eu e a véia... (...) mas num demu conta naum... (...) ai eu arrumei um impregado... i a luta é mesma di sempri... é mangueria todud dia... é pra tirá u leiti... vaciná...curá bizerru...capá us boi... marcá... i assim vai...mais num queru i pra cidadi naum...(...) vou morre aqui mesmu...(...) criei tudu os fios aqui...i esperu que elis cuida bem quandu eu num inxistir mais..(...) .purque a luta pra dexa assim foi grande fia...(...)

**ENTREVISTA - INFORMANTE 06**

NOME: GS

SEXO: M

IDADE: 39

NASCIMENTO: 25/12/1975

PAIS: Sul-mato-grossenses

NÍVEL DE ESCOLARIDADE: Ensino Fundamental Completo

DOCUMENTADOR: Silmara Silveira Lemes Sampaio de Queiróz

INF: Oh:::... eu sempri morei aqui... meus pais tamem...nasceram aqui...elis são filhos de pioneiros daqui da cidadi di Nova Andradina... meus avós ajudaram a desbrava onde é a cidadi hoje... ali ondi é a avenida... meu vô era impreitero do Moura Andrade... eli dirrubo muitas arvi grande ali... eli fazia cerca... portera...tudo pro veio... e minha vó era a cuzinheira du homi...minha vó foi criada pur elis... e minha mãe era como si fossi neta do véio... eu nunca morei notro lugar... sempri moramu em fazenda...quando eu era piquenu tamem...minha mãe ajudava meu pai na fazendo...ela fazia quejo...prantava horta...mandioca... criava galinha...cuidava dos porcu...custurava pra muié du patrão... e cuidava di nois...di mim e da minha irmã...ela queria que a genti estudassi pra num sofre igual elis...sendu mandado pelus otros...porque a vida nossa num era boa... meu pai bibia muito...era muito trabaiadô... mas bibia (...) tinha esse grande defeito(...) i minha mãe sufria...i nós tamem...meu pai pegava carona cum uns carvoeiro...i ia pra cidadi bebe... i nois ficava cum a mãe naquele lugar...num passava nem avião...nois murria di medo...tinha uma mata...que tinha quexada... anta...onça...i minha mãe tinha muito medo de chuva braba...quando chuvia ela infiava nois embaixo duma mesa... cum medo de disteíá a casa...i di noiti era os bichu du matu...nois tinha muito medo...medo di tudu...um dia minha irmã fico duenti...mas essi dia o pai tava... e nois num tinha carru... pra sai de la...e ela tinha muita febre...minha mãe chorava muito...(...) i eu tamem... ai fomu a pé... di noiti...iscutando as quexada bate us denti... até na sedi da fazenda pra pidi pru capataz leva nois na cidadi.. pra leva a minina nu medicu... aqueli dia foi u mais triste das nossas vida... nois tudu chorava... e u pai falava qui nunca mais ia mora tão longi do recurso...que ia muda dali...e nois tinha medo da minina morre...(...) o

medicu até suspeitou qui ela tava cum meningite... mas num era naum...ela sarou... graças a nossa senhora di aparicida...(...) eu num estudei muito naum... só fiz até a oitava séria...minha irmã... ela formou...ela é professora ai na cidade...ela ganha bem...ta bem...mais eu num aprendia... tudo era difici... ia na iscola pra briga...ai meu pai falô é melhor você me ajudá aqui na fazenda... iscola num é procê naum... ai larguei mesmu diveiz... fiquei só na fazenda... ajudava o pai no mangueiro... a senhora sabe né?...mangueiro é curral...onde prende us gadu... ai eu domava cavalo...vacinava o gado... fazia tudu o que faiz numa fazenda...ai comecei i prumas fazenda que tinha baile... comecei a namorá...namorei (...)... e dai já casei tamém...ha há há...mas óia... vou fala... num aconseio ninguém a num estuda naum...bão... intaum... continuau...ai eu casei...cum treis anu di casadu já arrumei uma filha...i eu continuei na fazenda com a muié... trabaianu... mudanu di fazenda... porque vida di pião é assim... muda direto... tenho um meninu ainda piquenu...mas falu pra eli u qui u pai mi falava...falo prus dois... tem qui estuda... num faiz igual u pai naum...mais eu so caprichoso nessa parti... porque eu arrumo serviço in fazenda qui a iscola é perto...pra fica mais faci pra nois e pra elis...(...) nós ta aqui nessa fazenda já faiz uns cinco anu...o patrão é muito bão pra mim...aqui a genti trabaia cum gadu no confinamento...faiz os rodizo de pasto... dá a ração... qui tem qui inche os cochos né?... levanta cedo...di madrugada... tira o leite i poi na banca porque tem hora certa di intrega... porque si perde a hora ai num intrega o leiti né?... o caminhão passa e num tem u leiti... avi Maria... o homi da as conta pra mim...issu nunca conteceu i nem vai...haaa... eu isqueci de fala... aqui tem cavalo de raça tamem... eu pego ai das redondeza pra amansá... porque eu faço a doma nelis...é um jeito di ganha um dinherim a mais...





ta estudando... trabalha na cidade... mas a luta aqui no nosso sitio...continua...porque num pode pará... i eu além de faze meus serviços de casa... ainda ajudo meu marido com o lote...porque a genti sabe que o mundo evoluiu... e que os mininos vão garrá otro mundu... as coisa vai mudando...e aqui agora ta virando tudo cana... as usina ta dominando tudu... intuum a genti fala para elis que tem qui procura... o melhor... um estudo...um imprego... porque u sitio só da pra sustenta a família... é uma pena... mas hoje in dia o sitio só é um bico... pra passá um fim di semana...num é mais comu antigamenti... mas isso é depois que as usina chegaru...



**ENTREVISTA - INFORMANTE 09**

NOME: JNR

SEXO: M

IDADE: 68

NASCIMENTO: 27/10/1946

PAIS: Sul Mato Grossense

NÍVEL DE ESCOLARIDADE: Ensino fundamental incompleto

DOCUMENTADOR: Silmara Silveira Lemes Sampaio de Queiróz

INF: Sempri morei em fazenda... fazenda grande minina...quando muleque novo meus pais morava i trabaiaava numa fazendona em Ponta Porã bem perto da divisa do Paraguai i dipois que viemo embora pra região de Nova Andradina... eu ia pra escola com muita dificuldade porque a fazenda era muito longe não passava condução i meus pai num tinha condição di mi leva até na escola... nós sempre fomu muito pobre... passava muita dificuldade das coisa na vida pela dificuldade eu parei de estuda e fui trabaiaá na roça com meu pai e minha mãe... aprendi a lida com gado na mangueira... trabaiaá na enxada... na colheita de milho num tinha discanço naum era o dia todinho que Deus dá nu serviço um dia tava trabaiaando no milharal com os outro funcionário da fazenda perto do cercado de arame liso i foi levantanu um tempão de chuva que paricia que ia cai o céu na nossa cabeça era uma coisa qui eu nunca tinha visto... dessi jeito na minha vida... minina i foi entardecendo a chuva começou a cai com trovão i muito raio nós descemo pra colônia cada um pra sua casa pra esconde da chuva aquela chuva e aqueles raio duraru a noite toda a chuva foi tão forte que acabo com as prantação... e us raio foi tanto que a descarga caiu na cerca... i atingiu muita cabeça de gado... i outras criação du patrão... tamem não dava pra guarda tudo u gado na mangueira porque não cabia i a chuva era muito forte dirrubou árve rebento fiação desteiô casa i colocou medo em muita gente por aqu tinha muita criança piquena na época foi o maior perigo que eu ja corri nessa vida mais ainda hoje in dia.cum essa lida aqui...eu ficu pensanu... ta tudu mais faci... quando a genti vai vacina pur exemplu...faiz um mutirão ai... num instantinho vacina tudu... antigamenti demorava dimais...pra capá...tamem... tem até um tronco que as bola do boi...fica pra trais.. é só chega e faze u serviço...antis tinha qui laçá...dirruba o bicho nu chão... e ainda fazê muita força... pra sigurá... né? porque si eli iscapassi... saia peganu nós... porque já tava infezado...pra tirá u leiti tamem... num ta difici... tem a ordenhadera... que é só pô di teta in teta.. i cuidá...ta tudu diferente... i melhor...

**ENTREVISTA - INFORMANTE 10**

NOME: JPSG

SEXO: M IDADE: 35

NASCIMENTO: 12/11/1979

PAIS: Paraenses

NÍVEL DE ESCOLARIDADE: Ensino fundamental incompleto

DOCUMENTADOR: Silmara Silveira Lemes Sampaio de Queiróz

INF: fui criado aqui na fazenda...sou filho único... i não tive estudo... estudei só até a segunda séria... porque... meus pai já me tiveram veio... i meu pai conforme... eu crescia eli ia ficando duente... intão eu fui pra lida cedo... tomar conta de tudo... i cuidar deli i da mãe... cedo... di madrugada... eu fazia o serviço... de tirá leite no mangueiro... i quando acabava... já soltava o gado pro pasto... dipois ia limpa o terrero... tratá as criação... e dipois dava uma oiada... no pai i na mãe... i já era hora de armoça... depois do armoço... arriava o cavalo... e ia oia o gado nas invernada... só vortava no entardece do dia... sempre trazendo algum bezerro machucado... ou aduecido na garupa... pra curar ou medicá... sempre fui um guri du trabaio... certu dia... eu arriei o cavalo... e sai pro campo... lá no mato mesmo... eu fiquei a tarde toda... tratando do gado... e vortei na boca da noite... sem nenhum bizerro... nem nada na garupa... mais nu meio... du caminhu(...) eu senti que o cavalo tava com a traseira pesada(...) mas não tinha nada na garupa(...) e nem tinha nenhum machucado... nu cavalo... e assim cum muita dificuldade... eu fui cheganu em casa... quando fui cheganu... bem perto da porteira... de casa eu ouvi uma voz... que mi falou bem assim... obrigado pela carona amigo... i naquela hora... o cavalo se sentiu mais leve... eu sabia qui num tinha ninguém na garupa... intão era assombração... eu não respondi a voiz... eu só acenei com um jóia... i fui embora branco di medo... nessa época rodava um buato... di qui ali na região... tinha uma assombração... e esse tar que pegou carona... cumigo... é o tal do nego... zé caroneiro... isso aconteceu cumigo... num foi historia naum(...) ... meu pai Deus já levou... eu moro sozinho aqui com a mãe...inda num casei...achu que num tive tempo...pra construir minha família... mas a minha lida aqui... num é das mais faci naum... quando eu aperto aqui... eu vou busca ajudo... nus vizinhos...elis são muito bão aqui pra nois...na época di vacina... eu ocupo bastante us mininos de la...(...) eu sei que to ficando veio... qui preciso arrumá uma família...mãe fala direto pra mim...u difici é acredita nas pessoas...hoji in dia ninguém que responsabiladi... cum ninguém...i eu falo...prifiro vive sozinho do que mal acompanhado...



cada um pegou sua biciretinha... e pedalou embora... meu irmão... mais veio... era muito cumpanhero do chico... i naquele dia elis vortaru ali pra colônia juntu... nu meu du camim... meu irmão conta que viu uma figura estranha... i ele conta que parecia o tár de lubisome... esses mininu... pegaram a pedalá... mais rápido as biciretinha... a corrente da bicireta do chico caiu... i ele se mijando todo parou... prá arruma a corrente... e meu irmão ficava isperanu... eles arrumaram a corrente... i vazaram na braquiara... sem nem oiá pa tráis... dipois disso a turma... toda ficou assustada .... i eu como era a mais nova... tinha isso como uma história de medo(...) a genti brincava muito... mas quando tinha que trabaiá tamem... sai di baixu... a genti ia pá mangueira cedo... e só vortava di la...iscurecendu...quando tinha qui vacina...essa gurizada trabaiava u dia interim...ai durmia cedo...num brincava naum...purque u outro dia prumetia...quando pai inventava de capá boi....avi...era aquele Deus me acuda...a lida cumeçava cedo naquela mangueira...elis trazia us boi la di cima e fechava... na mangueira né?... e dai tinha um isteio no meio...elis laçavam us boi e passava o laço...firmando nesse isteio... intuam era uma concorrência pra ve quem laçava primero...tenho saudadi daquele tempo...sabe?...purque hoje ainda tem u serviçu...mas é diferente... tá tudu modernizadu...e a animação num é mais a mema...parece que todu mundu vive na basi du relóju...ocupadu e cum pressa...



mexi varias veis... mais nada me assusedeu... intão sai de lá...i cuntinuei no galopeio(...) i quando que pensu que não começu i iscuito uns passo... me seguindo de tras de mim... aquilo me deixava azucrinado... e morrendo de medo... cada veis que eu andava mais os passo me acumpanhava... cumecei a corre... e quanto mais curria mais... mais us passus me seguia(...) i até que iscutei du nada uns latidos... que recunheci sendu do vira-lata da fazenda... o Baleia... que já tinha vindo mi acompanhadu... desde a minha partida da fazenda(...) dispois do susto... vortei pra fazenda... onde o pessoar tava me esperando para dar o remédio pra minha rainha... que melhorou com o tempo e durou muito mais tempo(...) agora fala pro cê... vida di fazenda é dura... minha mãe e meu pai vieram da Alemanha...eu to inraizado aqui...vim piqueno de la...o navio abarcou em Santa Catarina... e nois descemu la... os irmão de mamãe ficarum por la... os di papai viram cum a genti... ai fomu abri aqui...issu tudo...tamem a cidadi...nem tinha nada la... era matu puro...uns vinti anos depois que disbravaram u lugar da avinida...intaum eu tenho uns costumes qui ainda é mei alemão... comu tira leiti treiz veiz pur dia...outras coisas mais...que a genti conserva... e qui pra mante isso... é um trabaião danado.. primeiro qui pião num para in serviço...eu já to cum idade di parar....mais si para...num vivo.. intuam guento muita coisa delis... que as veiz num é du meu agradu... mas trabaia todumundu tem...num importa ondi e quando... intuam vo tocanu assim memu...



**ENTREVISTA - INFORMANTE 13**

NOME: VAPB

SEXO: M

IDADE: 19

NASCIMENTO: 25/05/1996

PAIS: Sul Mato-grossenses

NÍVEL DE ESCOLARIDADE: Ensino Médio

DOCUMENTADOR: Silmara Silveira Lemes Sampaio de Queiróz

INF: nasci na cidadi de Nova Andradina... tenho apenas 2 irmãos... mais primos tenho muitos(...) meus pais tem vários irmãos... i cada um deles tem dois ou três filhos... o que somado no final de ano... na fazenda da minha vó Zefa era muita gente... quase não cabia... a casa parecia que ia expludir(...) era primo correndo pra todos os lados... estava em todos os lugares... brigas eram constantes... i quase sempre ouvia choro... de um que apanhou ou se machucou(...) Logo de manhãzinha... meu avô acordava pra cuidar do gado no mangueiro... e de lá sempre vinha cantarolando os modão... musica boa... que não se faz mais hoje(...) a musica que ele mais gostava era o menino da porteira... cantava... coitado... o tempo todo(...) ele faleceu quando eu tinha quinze anos... meu Deus foi difícil pra família(...) Quando nós estava na fazenda... sabíamos que o único lugar que não podia entrar... era no mangueiro abandonado... ficava um pouco longe da sede... la ficava um boi bravo chamado Bandido... ele dominava o lugar... e era perigoso que só... encarava qualquer um... que tentasse entrar em seu terrero... o único que ele respeitava era o vô Tonho... e não respeitasse não... virava churrasco na hora(...) a vó Zefa cozinhava muito bom... era de humilhar qualquer um... ela sabia governar um fogão como ninguém... o que eu mais gosto que ela faz é polenta com carne moída... eita sô e bom demais... deu até agua na boca... todo ano ela fazia... e era mais por mim que adorava(...) Em dia de festa era comida... toda hora... o tempo todo... meu vô matava um boi pra festá com a família... os netos sempre passavam mal... de tanto comer e antes do sagu da vó Zefa... que era a sobremesa esperada por todos(...) um dia a gente foi brincar... todos os primos mais velhos juntos... já da pra imaginar que coisa boa num devia de acontecer... sempre havia de ter rolos(...) resolveram passear na fazenda a noite... andamos bastante olhando as estrelas e a lua... que é muito mais bonito do mato... até que nos deparamos com o terrero do

Bandido... o primo mais véi Pedro teve a idéia de atentar os primos... pra ver quem tinha coragem de entrar no terrero do Bandido e andar la dentro... como queria mostrar que era homem eu e mais alguns resolveram entrar(...) la dentro estáva com muito medo do Bandido aparecer... a luz de lanterna nó tentamos não cair no buraco... que tinha bastante... até iluminamos dois circulo brilhantes e nos assustamos pois era o danado(...) corri demais até cansar... parecia que nem estava dentro de mim(...) Conseguimos escapar... rimos muito depois... apanhamos muito tamem(...) i lembrando essas historias ...é que eu acho que nós deve dar continuidade na vida boa... que a fazenda me dá... que dize..da pra todú mundu...morá na fazenda é bão demais...

**ENTREVISTA - INFORMANTE 14**

NOME: GBN

SEXO: M

IDADE: 26

NASCIMENTO: 13/07/1989

PAIS: Sul Mato-grossenses

NÍVEL DE ESCOLARIDADE: Ensino Médio

DOCUMENTADOR: Silmara Silveira Lemes Sampaio de Queiróz

INF: nu meu tempo de criança... passei a maior parte do tempo ajudando meu tio no campo... num existe infância melhor... do que do povo que vive na roça... é tudo muito diferente... se num vê esses negocio de tablete ou computado i muito menos smartphone... la tinha brincadeiras de verdade... e fazia a gente ser criança valer a pena(...) Foi tão bão que to atrás de um sitiozinho pra ir mora de novo lá... criar galinha...porco... boizim... muito mais... igual que tinha no sitio do meu tio... estudava em uma escola um pouco longe do sitio mas que não ficava na cidade... gostei demais de estudar lá... era muito diferente de hoje... todo mundo era amigo... i num tinha competição de quem tinha mais que o outro... todo mundo repartia as coisas... i ninguém desrespeitava as professora... i nem existia esse tal de bullyng(...) meu tio sempre me colocava para ajudar na mangueira... alguns chamam tãmem de curral... é o lugar que a gente cuida dos boi i das vaca(...) eu gostava de i porque era a chanci de andar de cavalo... que eu gostava demais... Eu passava bastanti tempo na mangueira... fazia de tudo lá... limpava, apartava, tirava o leite e até tomava(...) era muito bom ajudar meu tio i ele gostava muito do meu serviço na mangueira... era um exemplo pro povo preguiçoso(...) aprendi dirigir em um trator véio do meu tio... qui eli usava pra fazer os trabaio de todo dia na roça... foi legal... tirando o dia que eu errei a marcha e no desespero quebrei a cerca do meu tio... i o pior é que tive que fazer a cerca de novo... tudinho... fiquei um tempo sem dirigir porque eu tava com medo... i meu tio tãmem ficou um pouquinho bravo pelu acontecido... mas logo depois tudo se resolveu e peguei o trator de novo... um dia quando tinha acabado de ficar escuro... as galinha começaram a gritar muito... eu fiquei com medo... pensei que podia ser uma cobra... i eu morro de medo de cobra... mas como meu tio tava junto e com o facão na mão eu fui junto... na verdade sou muito curioso e não podia perder a oportunidade... quando mais perto a gente chegava... mais as galinhas faziam barulho... parecia que ía fica surdo... deu muito medo... quando chegamos lá no galinheiro... vimos um bicho enorme... era uma sucuri que tinha comido uma das galinhas... i tava com a barriga enorme... muito gorda... ela tinha feito a compra ali no galinheiro... i que bela compra... ela comeu a galinha do meu tio que mais botava ovu... meu tio com raiva... i pra ela não matar mais galinha dele... matou a sucuri(...) quando a gente vive no campo a gente sempre tem histórias pra conta... sempri... valeu a pena ter morado na casa do meu tio... foi uma grande aventura.

**ENTREVISTA - INFORMANTE 15**

NOME: SMGO

SEXO: F

IDADE: 28

NASCIMENTO: 19/03/1987

PAIS: Mato-grossenses

NÍVEL DE ESCOLARIDADE: Fundamental incompleto

DOCUMENTADOR: Silmara Silveira Lemes Sampaio de Queiróz

INF: uma das coisa que mai gostava de faze no sitio... era as festança que tinha... sempre tinha em dia de santo, os aniversario, natal e tãmem o ano novo... mais a festança que eu mais gostava era as quermesse... era muito boa... igual nunca mais vai tê... tinha quentão, barraquinha dos beijo, maça do amô... é muito diferente das que tem na cidade... as coisa eram mai gostosa e tinha sabor de festa... parecia que era feito com amô(...) um dia em uma quermesse minha família foi toda... e eu tinha um irmão que era novim... tinha uns quatu anos... naquele dia nós foi com bastante dinheiro... e meu pai falou que nós podia comprar o que quisesse que ele pagava... a gente ficamos separados dos outros... quando tava quase na hora de ir... meu pai tinha um jeito de chamar nós que era só assuviar que todo mundo vinha... ele assoviou e todos chegaram menos o João... que era o mais novo... meu pai assuviou varias veiz e ele não tinha aparecido... meu pai começou a ficar muito preocupado... e minha mãe já tava chorando coitadinha... meu pai chamou os amigos e vizinhos... e foram atrás do João... pra vê se achava ele né... procuraram ele por muito tempo e nada de encontrar... andaram por todo lado... mais meu pai já tava cansado e triste... eu então lembrei que o João gostava de brinca na mangueira sempre que a gente ia na fazenda do cumpadi... que era onde tava tendo a festança(...) corri avisa meu pai... ele sorriu... correu pro cavalo e foi... hegando na mangueira estava muito escuro... ele chamou por meu irmão e nada... chamou de novo... e nada... até que na ultima veiz ... o João respondeu... ele foi brinca lá e ficou com sono e acabou dormindo... o alivio foi de todo mundo... minha mãe...ô dó... que Deus a tenha... chorava de felicidadadi quando viu ele... mas meu pai que era machão tentou não mostra que tava preocupado... entrou e foi dormir... o trabalho no campo é muito cansativo... e ele tinha trabaiado o dia inteiro(...) num tive muito chance de estuda não... entre estuda e trabaia ajudando minha mãe... prefiri ficar em casa... pra mim parecia melhor... e até que foi... mas só no passado... hoje isso me atrapaia um pouquin... mas é as escôia que a gente faz e tem que vive com ela... num é... mas ter vividu na fazenda foi muito gostoso... todo mundo precisa passar uns tempinho pra aprender o que é a vida de verdade... e tamem saber de onde vem as coisa que a gente compra no mercado pra da mais valô pra quem mora no mato... num é(...)

**ENTREVISTA - INFORMANTE 16**

NOME: EMJ

SEXO: M

IDADE: 52

NASCIMENTO: 27/06/1963

PAIS: Sul Mato-grossenses

NÍVEL DE ESCOLARIDADE: Superior

DOCUMENTADOR: Silmara Silveira Lemes Sampaio de Queiróz

INF: nasci já infiltrado na fazenda... minha família toda começou sua história lá... e não me sinto mal por isso... e sim agradeço a oportunidade a meu pai... que me ofereceu esta grande oportunidade(...) lembro de toda a minha infância que passei na fazenda... os amigos que tive... e as encrencas que me meti... foram ótimos anos(...) sempre quando eu ia a escola nos passávamos por um caminho... e de longe dava pra ver meu pai trabalhando no manguieiro... e sempre quando o ônibus passava ele olhava e acenava para os filhos que estavam dentro do ônibus... todo dia a gente sabia que ele estava lá no manguieiro olhando pra nós... nunca deixava de se despedir(...) estudávamos na escola... estudei... dei o gosto pro meu pai...me formei... sou advogado...morei fora... em São Paulo... e quando eu era pequeno a escola era longe de casa... e o caminho era muito cansativo... acredito que muitos desistiram de estudar... pelas dificuldades que tínhamos no caminho... mas estudar era minha prioridade... além de ajudar meus pais nos trabalhos... eu passava bastante tempo estudando(...) o lugar que gostava de ajudar mais meu pai era no manguieiro... gostava de ver os bois... isso sempre me encantou(...) meus irmãos... que ao todo são cinco... gostavam de muitas histórias de terror... e os irmãos mais velhos... como eu... usavam elas para assustar os mais novos... riamos vendo eles correrem e chorarem pelas historias arrepiantes que contávamos... falávamos do Saci, da Mula sem cabeça, boitatá, negrinho pastoreiro e muitas outras histórias... até mesmo inventadas... tudo pra rir um pouco dos pequenos chorando...um dia minha mãe teve que ir pra cidade... ela foi levar com meu pai um vizinho que havia se machucado no manguieiro... da fazenda dele... e deixaram meu irmão Jorge... em homenagem ao São Jorge... para cuidar dos outros irmãos... ele era o mais velho e nós os repetava(...) nós então nos reunimos na varanda da casa para escutar algumas historias... e como sempre vinha a de terror... meu irmão Francisco contou então uma história... inventada com certeza... de um

homem que havia morrido... umas criança mexeram com os animais de uns vizinhos(...) e esse vizinho havia ficado super bravo... mas não sabia quem havia feito aquela monte de coisa... as crianças pra limpar a barra culpavam ele... e esse vizinho matou o outro(...) e desde então o fantasma dele vinha assustar crianças de todo mundo... nesse momento os menores já estavam chorando... até que um vento abriu a porta com tudo... e nós gritamos de medo... quando olhamos pra fora vimos um vulto branco no meio do terrero... até quem não queria ficar assustado... chorou de medo(...) pra encurtar... depois... de muito medo um dos meus irmão foi até lá fora e viu que tudo não passava de um lençol branco que minha mãe tinha lavado mais cedo... todos riram da história que havia acontecido(...)